



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – **UFPB**
CENTRO DE CIÊNCIAS LETRAS E ARTES – **CCHLA**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – **PROLING**

SÉRGIO RICARDO PEREIRA DE CARVALHO

AS METÁFORAS CONCEPTUAIS NAS HOMILIAS DO PAPA FRANCISCO

João Pessoa/PB
2017

SÉRGIO RICARDO PEREIRA DE CARVALHO

**AS METÁFORAS CONCEPTUAIS NAS HOMILIAS
DO PAPA FRANCISCO**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na área de concentração Teoria e Análise Linguística, direcionado à linha pesquisa Linguagem, Sentido e Cognição como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof^a Dr^a *Lucienne C. Espíndola* (UFPB)

João Pessoa/PB
2017

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C331m Carvalho, Sérgio Ricardo Pereira de.
As metáforas conceptuais nas homilias do Papa Francisco
/ Sérgio Ricardo Pereira de Carvalho. - João Pessoa,
2017.
80 f. : il.

Orientação: Lucienne C Espíndola.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

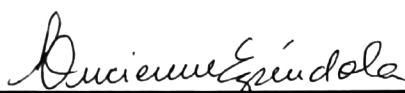
1. Linguística. 2. Metáfora conceptual. 3. Homilias -
Papa Francisco. I. Espíndola, Lucienne C. II. Título.

UFPB/BC

SÉRGIO RICARDO PEREIRA DE CARVALHO

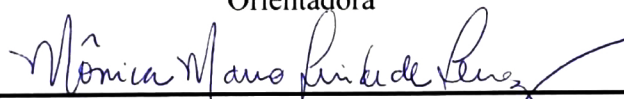
AS METÁFORAS CONCEPTUAIS NAS HOMILIAS DO PAPA FRANCISCO

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Lucienne C. Espíndola (UFPB)

Orientadora



Prof.^a. Dr.^a Mônica Mano Trindade Ferraz (UFPB)

Examinadora Interna



Prof.^a. Dr.^a Barbara Cabral Ferreira (UFPB)

Examinadora Externa

Prof.^o. Dr.^o Erivaldo Pereira do Nascimento (UFPB)

Suplente

Prof.^a. Dr.^a Josilane Márcia Justiniano da Silva (UFPB)

Suplente

Aprovado em 10 / 08 / 14

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade e pela força dada para transformar esse sonho em realidade.

Aos meus pais, por sempre me apoiarem, na vida, nos estudos e, principalmente, em minha trajetória acadêmica.

À professora Lucienne Espíndola, pela orientação dada, pelo carinho, paciência e compreensão demonstrados ao longo desse trabalho. A ela também agradeço pela oportunidade de seguir o fascinante caminho das metáforas.

Aos membros da banca Examinadora, pelas valiosas contribuições para versão final deste trabalho.

A todos da minha família, pelo incentivo à realização deste trabalho.

Aos meus colegas de turma Livia, Eva e Ramísio, com quem dividi, além dos momentos alegres, minhas angústias ao longo dessa jornada. A Livia, agradeço a amizade sincera e o exemplo de determinação.

Aos amigos André Sérgio e Lizziane Negromonte, pela força e contribuições de cunho religioso para esta pesquisa.

Aos queridos amigos Ana Lêda, Paula Ribeiro, Risolene Carmem e Shirlene Costa. Difícil falar em poucas palavras a gratidão pela amizade de vocês. Agradeço pelas palavras de carinho, pela preocupação desde o processo de seleção, pela preocupação em saber como estava a pesquisa. Enfim, obrigado por fazerem parte de minha vida.

Aos amigos Luciana Ferreira, Edson Amaro e Leandro Pagano, pela amizade, carinho e por estar sempre na torcida por essa conquista.

A Ludmilla Kauffmann e Carla Kauffmann, pela amizade e gentileza em ter construído o *abstract* desse trabalho.

Aos amigos Luiz Henrique e Alexsandro Fernandes, pela amizade e força. A Luiz Henrique, agradeço pela ajuda nas traduções dos textos em língua inglesa

A toda equipe do Curso de Letras Virtual pelo incentivo e força.

Às professoras Ana Aldrigue e Mônica Montenegro, pelo carinho e apoio.

À Universidade Federal da Paraíba e ao PROLING por proporcionarem um ensino público de qualidade. Aos professores que ministraram brilhantemente as disciplinas, Maria Ester, Mônica Mano, Leonor, Lucienne e Ferrari.

RESUMO

A presente pesquisa se propôs a analisar a conceptualização metafórica de alguns termos proferidos de forma recorrente em homilias do Papa Francisco. Nesse sentido, tencionamos investigar, através de expressões linguísticas metafóricas, como são categorizados os conceitos *coração*, *mistério*, *fé* e *caridade*, em homilias Papais, na perspectiva dos MCIs metafóricos. Assim, partimos da hipótese de que, nas homilias proferidas pelo Pontífice, a conceptualização dos conceitos supracitados subjaz um conjunto de concepções religiosas, ideológicas e culturais que devem ser seguidas pelos fiéis em suas práticas cristãs. Como referencial teórico, utilizamos a Teoria da Metáfora Conceptual empreendida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), os Modelos Cognitivos Idealizados Lakoff (1987) e as contribuições de Feltes (2007), os estudos da interface entre metáfora e cultura sob a perspectiva de Kövecses (2005), e a relação entre metáfora e ideologia, introduzida por Goatly (2007) e Charteris-Black (2004). O *corpus* utilizado para este estudo é constituído de 65 homilias extraídas do site A Santa Sé, proferidas entre janeiro e dezembro de 2015. Na análise qualitativa dos dados foi confirmada nossa hipótese de que as metáforas utilizadas para categorização dos conceitos em estudo refletem valores culturais/ideológicos, os quais devem ser seguidos pela comunidade religiosa. Verificamos que o conceito *coração* foi categorizado metaforicamente como *recipiente*, que pode estar *cheio/vazio*, *aberto/fechado* e onde pessoas ou sentimentos podem *entrar/sair*. O conceito *mistério*, que na perspectiva religiosa denota um plano de Deus para salvação, também foi categorizado como *recipiente*, dentro do qual os fiéis podem se situar, tomando, assim, apenas os aspectos *dentro/fora* como limites desse recipiente. O conceito *fé* foi categorizado como um ser vivo, a partir de características próprias e vivências que temos enquanto membros desse grupo. Por fim, o conceito *caridade*, categorizado como pessoa, através de características que são do domínio humano.

Palavras-chave: Metáfora conceptual; Papa Francisco; homilia; Cultura; Ideologia.

ABSTRACT

The present research proposes to analyse the metaphorical concepts of certain terms used constantly in Pope Francis homilias. In that sense, we will try to investigate, through metaphorical linguistic expressions, how the concepts of *heart*, *mystery*, *faith* and *charity* are categorized in popal homilias in the perspective of the metaphorical MCIs. Therefore, we depart from the hypothesis that, in the homilias given by the Pope, the meaning of the above mentioned concepts relies on religious, ideological and cultural conception which should be followed by the faithful in their christian practice. As theoretical reference, we used the Theory of Metaphorical concept built by Lakoff and Johnson (2002 [1980]), the Cognitive Models idealized by Lakoff (1987) and the contributions of Feltes (2007), the interface studies between metaphor and culture under the perspective of Kovecses (2005) and the relation between metaphor and ideology, introduced by Goatly (2007) and Charteris – Black (2004). The corpus used for this study is made up of 65 homilias extracted from the Holy Site, given from January to December 2015. The qualitative analysis of the data confirmed our hypothesis that the metaphors used reflect the cultural/ ideological values, which should be followed by the religious community. We verified that the concept of *heart* was a metaphorically categorized as *recipient*, which may be *full/empty*, *open/closed* and where people and feelings can *enter/leave*. The concept of *mystery*, which in the religious perspective means a plan of God towards salvation, was also categorized as *recipient*, in which the faithful may be placed considering only the aspects *in/out* as limits of this recipient. The concept of *faith* was understood as living being due to inherent character and experiences we have as members of that group. Finally, the concept of *charity*, is seen as person, through the characters of humane domaine.

Key-words: Conceptual Metaphor; Pope Francis; Homilia; Culture; Ideology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 SOBRE A METÁFORA	13
1.1 A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados	13
1.2 A Teoria da Metáfora Conceptual	28
1.3 Metáfora, Cultura e ideologia	38
2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CORPUS	47
2.1 Caracterizando o discurso religioso	47
2.2 Caracterizando o gênero homilia	48
2.3 Caracterizando o <i>corpus</i>	50
2.4 Metodologia de análise	52
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Desde os tempos remotos, os estudos tradicionais sobre a linguagem metafórica impulsionaram várias reflexões sedimentadas ao longo dos séculos. É na tradição retórica, remontada a Aristóteles, que encontramos valiosas explicações e contribuições que fomentam até hoje os estudos sobre esse fenômeno. Por outro lado, a visão aristotélica desembocou num tratamento puramente figurativo da metáfora com uma atuação meramente ornamental ou decorativa, objeto da poesia e da retórica. Esse legado foi seguido durante séculos, até ser refutado pela abordagem cognitiva da linguagem.

A reformulação da visão tradicional da metáfora foi intensificada, sobretudo, com os estudos empreendidos pela Linguística Cognitiva, que desencadeou o surgimento de uma teoria que vê o fenômeno metafórico sob a perspectiva de uma função cognitiva operante na linguagem e no pensamento, a teoria cognitiva da metáfora ou Teoria da Metáfora Conceptual.

Foi com a publicação da obra clássica *Metaphors we live by*, em 1980, escrita pelo linguista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson, que os estudos sobre a metáfora receberam novos influxos. Os autores mudaram a visão clássica da metáfora, reconhecendo seu caráter conceptual presente não somente na linguagem, como também no pensamento e em nossas experiências cotidianas. Esse tratamento cognitivo da metáfora provocou questionamentos, sobretudo no que se refere à dicotomia objetivismo x subjetivismo. Nessa perspectiva, os autores propõem uma abordagem experiencialista da metáfora fundamentada em nossas experiências com o corpo e nossas experiências culturais.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), a concepção de metáfora encontra-se no nível do domínio conceptual e estruturada cognitivamente. Na Teoria Cognitiva da Metáfora Conceptual, um conceito metafórico consiste de uma estrutura binária decorrente da relação de um domínio-fonte, conceito mais concreto, de onde são mapeados alguns aspectos de forma parcial e seletiva, para um domínio-alvo, que envolve conceitos mais abstratos. Isso implica dizer que não ocorre uma identificação total entre os conceitos metafóricos. Nesse sentido, a metáfora seria, dicursivamente, uma operação cognitiva que permite “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]), p. 18).

Nessa perspectiva de que a metáfora é uma operação cognitiva, importa investigá-la no discurso cotidiano, em todos os discursos, inclusive o religioso. Conforme Torressan (2007), o discurso religioso, em razão de sua complexidade e influência em nossas relações sociais, tem despertado interesse em vários campos de estudo. Tracy (1992) faz referência à religião cristã como “religião do livro”, uma vez que os ensinamentos dos líderes nessa esfera religiosa são construídos e fundamentados a partir de uma fonte escrita. Sendo assim, o discurso religioso cristão utiliza-se dos textos bíblicos, as Escrituras Sagradas, para fundamentar seus ensinamentos e instruções a serem seguidas pelos membros participantes da comunidade religiosa.

Nessa esfera discursiva, investigamos, nesta pesquisa, as metáforas conceptuais atualizadas por diferentes expressões linguísticas circunscritas no gênero discursivo homilia, que se constitui como uma pregação cristã realizada durante uma celebração litúrgica. Recorremos às homilias do Papa Francisco, objeto de nossa investigação, em que observamos a categorização de vários conceitos abstratos atualizados através do modelo cognitivo metafórico.

Assim, partimos da hipótese de que, nas homilias Papais, a conceptualização dos conceitos supracitados reflete imbricações culturais/ideológicas que transmitem instruções para comunidade religiosa. Ou seja, no discurso supracitado, a categorização desses conceitos subjaz um conjunto de concepções religiosas, ideológicas e culturais que devem ser seguidas pelos fiéis em suas práticas cristãs. Como objetivo geral, buscamos investigar como são categorizados os conceitos *coração*, *mistério*, *fé* e *caridade*, em homilias do Papa Francisco, na perspectiva dos MCIs metafóricos. Diante de nossa proposta investigativa de descrever e analisar as metáforas conceptuais inscritas em homilias do Pontífice, consideramos que “os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura” (LAKOFF E JOHNSON (2002 [1980], p. 71).

Para efeitos de estudo neste trabalho, propomo-nos a analisar, através de expressões linguísticas metafóricas, a categorização dos conceitos abstratos mais recorrentes, considerando as relações culturais/ideológicas. É nessa perspectiva, portanto, que buscamos respostas para as seguintes questões centrais: a) Quais as metáforas utilizadas para categorizar os conceitos *coração*, *mistério*, *fé* e *caridade*? b) Que valores culturais/ideológicos essas categorizações metafóricas revelam?

Para análise dos dados, optamos por uma metodologia de natureza qualitativa, já que nosso intuito maior foi a análise interpretativa das expressões linguísticas circunscritas nas homilias do Papa Francisco. Os dados coletados também apresentam uma inter-relação com a abordagem quantitativa, uma vez que, para proposta deste trabalho, fez-se necessário realizar um recorte delimitando as metáforas mais recorrentes no *corpus* investigado, para então alcançarmos os resultados propostos para este estudo.

Para o referencial teórico desse percurso investigativo, recorreremos à concepção de metáfora conceptual empreendida nos estudos de Lakoff e Johnson (2002[1980]), os pressupostos da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados aventados por Lakoff (1987) e Feltes (2007), e os estudos sobre a interface entre metáfora, cultura e ideologia, introduzidos por Kövecses (2006), Goatly (2007) e Charteris-Black (2004). Utilizamos, também, para a identificação das metáforas conceptuais, as considerações de Cameron (2003) acerca do fenômeno da incongruência.

O *corpus* utilizado para este estudo é constituído de homilias do Papa Francisco, extraídas do site *A Santa Sé* (<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>). As homilias selecionadas foram proferidas entre janeiro e dezembro de 2015 e perfazem um total de 65 textos, a partir dos quais recorreremos a várias leituras a fim de procedermos o levantamento e identificação das expressões linguísticas atualizadoras de metáforas conceptuais que se configuram como foco de nossa investigação.

Este trabalho está estruturalmente organizado em três capítulos. No primeiro, expusemos os pressupostos teóricos acerca da teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados postulada por Lakoff (1987) e as contribuições de Feltes (2007). Em seguida, fizemos uma revisão sobre a metáfora que norteou essa investigação – a Teoria da Metáfora Conceptual, que nos permitiu descrever/identificar, nas expressões linguísticas, a conceptualização metafórica dos conceitos mais recorrentes nas homilias do Pontífice e, por conseguinte, as metáforas subjacentes. Por fim, a interface entre metáfora e cultura postulada por Kövecses (2006), metáfora e ideologia, conforme Goatly (2007) e Charteris-Black (2004).

O segundo capítulo discorre sobre as características do discurso religioso, do gênero homilia, do *corpus* em estudo e, ainda, sobre os aspectos metodológicos relacionados à seleção e à coleta dos dados. No terceiro capítulo, apresentamos a análise do *corpus* discutida à luz dos pressupostos teóricos que sedimentaram este percurso

investigativo, descrição das expressões linguísticas e as respectivas metáforas conceptuais que figuraram no *corpus* em questão.

1. SOBRE A METÁFORA

Neste capítulo, traçaremos um panorama das teorias que orientam esta investigação: a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados aventada por Lakoff (1987) e Feltes (2007), a Teoria da Metáfora Conceptual empreendida nos estudos de Lakoff e Johnson (2002[1980]) e colaboradores, e os estudos sobre a relação entre metáfora, cultura e ideologia formulados por Kövecses (2006), Goatly (2007) e Charteris-Black (2004).

1.1 A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

Inicialmente, interessa a este estudo contextualizar, de forma sucinta, algumas noções preliminares sobre a Linguística Cognitiva e Semântica Cognitiva, visando favorecer a compreensão dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs).

A Linguística Cognitiva surgiu no final da década de 1970 e começo dos anos 1980. Desenvolveu-se como resultado da crítica ao paradigma gerativista, impulsionada pelo enfoque ao fenômeno da significação e pelas pesquisas de Rosch e colaboradores, relacionadas à importância da função dos protótipos na categorização.

Para Silva (1997, p. 58),

A Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

O autor também aponta os domínios¹ de investigação aprioristicamente abordados nessa vertente de estudos:

[...] as características estruturais da **categorização linguística** (tais como prototipicidade, polissemia, **modelos cognitivos**, **metáfora** e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística

¹ Dentre as principais áreas de estudo da Linguística Cognitiva, abordaremos em nosso trabalho a categorização, os Modelos Cognitivos idealizados, em especial, a metáfora.

(iconicidade e naturalidade), a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a base pragmática e ligada à experiência da linguagem-no-uso e a relação entre linguagem e pensamento (incluindo questões sobre o relativismo e sobre os universais conceptuais). (SILVA, 1997, p. 59, grifos do autor)

Segundo Feltes (2011, p. 26), a Linguística Cognitiva é entendida como uma subárea da Ciência Cognitiva. A autora, com base nos estudos Lakoff e Johnson (1999), aponta que a Linguística Cognitiva é uma teoria pautada nas descobertas da segunda geração da Ciência Cognitiva:

A primeira geração da Ciência Cognitiva caracteriza-se como sendo uma ciência da “mente desencorporalizada”, ou “não-corpórea”. A **segunda geração** é a de mente corporalizada. É a partir da corporalização dessa segunda geração que se busca uma definição de **Semântica Cognitiva**. (FELTES, 2011, p. 26, grifos da autora)

O surgimento da Semântica Cognitiva está diretamente ligado ao da Linguística Cognitiva e isso faz com que, às vezes, seus estudos sejam confundidos. Conforme advoga a referida autora, esse campo de estudos tem como conceito basilar a “experiência”, numa forma de “experencialismo” denominada, também, semântica cognitiva experencialista. Cumpre informar que, segundo Feltes (2007, p. 88), “a cognição experencialista toma o termo ‘experencial’ em um sentido amplo, incluindo experiências sensório-motoras, emocionais, sociais, assim como capacidades inatas que dão forma a tais experiências e as tornam possíveis”. Nessa perspectiva, portanto, a experiência “seria um funcionamento ativo como parte do ambiente natural e social.” Feltes (2007, p. 88)

No âmbito da Semântica Cognitiva são desenvolvidos os estudos que envolvem as relações existentes entre o funcionamento da mente e nossas experiências do corpo com o mundo. A representatividade dessa relação é obtida na forma como categorizamos o mundo e realizada via Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs).

Nessa perspectiva, Lakoff (1987, p. 6, tradução nossa) ressalta que:

Sem a capacidade de categorizar, nós não poderíamos de maneira alguma agir, seja no mundo físico ou em nossas vidas sociais e intelectuais. Compreender como categorizamos é fundamental para se

compreender como pensamos e agimos, e, portanto, fundamental para compreendermos o que nos torna humanos.²

Assim, cada vez que categorizamos alguma coisa, destacamos algumas propriedades, enquanto outras necessariamente são escondidas. Para Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 266, grifo dos autores), “A categorização é uma forma natural de identificar um *tipo* de objeto ou de experiência iluminando certas propriedades, atenuando outras e até escondendo outras.”

Na abordagem clássica, desde Aristóteles até os estudos de Wittgenstein, as categorias eram compreendidas como recipientes dentro dos quais as coisas estariam e definidas com base naquilo que possuísem em comum, através de características consideradas como suficientes e necessárias: “As coisas eram consideradas da mesma categoria, se, e somente se, elas tivessem certas propriedades em comum. E as propriedades que elas tinham em comum eram tomadas como definição da categoria.”³ (LAKOFF, 1987, p. 6 tradução nossa)

Cumprir advertir, contudo, que na abordagem clássica da categoria nenhum membro poderia possuir um *status* especial, já que todos possuíam propriedades comuns. Essa visão não resultava de um estudo empírico, mas de influências do pensamento filosófico. Nessa perspectiva, o mundo era estruturado e organizado de forma objetiva e lógica.

Diferentemente da visão clássica, os estudos contemporâneos demonstram que a categorização é muito mais complexa do que fora apresentado até então. Nessa nova perspectiva, a categorização se processa com base em protótipos.

Uma nova teoria da categorização, chamada teoria dos protótipos, surgiu. Isso mostra que a categorização humana é baseada em princípios que vão muito além daqueles previstos pela teoria clássica. Nosso objetivo é fazer o levantamento das complexidades do modo como as pessoas categorizam de fato.⁴ (LAKOFF, 1987, p. 5, tradução nossa)

² Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human.

³ Things were assumed to be in the same category if and only if they had certain properties in common. And the properties they had in common were taken as defining the category.

⁴ A new theory of categorization, called prototype theory, has emerged. It shows that human categorization is based on principles that extend far beyond those envisioned in the classical theory. One of our goals is to survey the complexities of the way people really categorize.

A Teoria Prototípica teve origem nos anos 1970, a partir de pesquisas desenvolvidas no campo da Psicologia Cognitiva, com os estudos empreendidos por Eleanor Rosch e colaboradores. A autora, ao apresentar um panorama geral sobre os problemas relacionados à categorização, propôs a Teoria Prototípica. Ao estabelecer oposição à teoria clássica, firmou a categorização como um subcampo da Psicologia Cognitiva.

Feltes (2011, p. 107), compartilhando os estudos de Lakoff (1987), elenca três importantes fases das pesquisas de Rosch, sobre as quais discorreremos, resumidamente, a seguir:

1ª Fase: os protótipos eram reconhecidos basicamente: a) pela saliência perceptual; b) maior memorabilidade, ou seja, são assimilados mais facilmente; c) generalização realizada através de um estímulo para o outro que lhe seja fisicamente similar.

2ª Fase: há o entendimento de que os efeitos prototípicos promovem a caracterização da estrutura da categoria.

3ª Fase: Rosch conclui que os efeitos prototípicos teriam fontes não determinadas, ou seja, os efeitos prototípicos seriam superficiais.

Segundo Feltes (2007), Lakoff (1987) utiliza essa última fase do percurso investigativo empreendido por Rosch e afirma que “[...] os efeitos prototípicos são resultados do fato de que o conhecimento está organizado em termos de modelos cognitivos idealizados de vários tipos” (FELTES, 2007, p. 107). São esses os pressupostos que Lakoff (1987) fundamenta seu modelo teórico com a postulação básica de que “os efeitos prototípicos resultam da natureza dos modelos cognitivos, que podem ser vistos como teorias sobre alguma matéria.”⁵ (LAKOFF, 1987, p. 45, tradução nossa)

As pesquisas de Rosch demonstraram, também, por meio de investigações empíricas, que as categorias são estruturadas pela noção fundamental de *semelhanças de família*, segundo a qual, para que se defina uma categoria, não é necessário que os membros categoriais compartilhem as mesmas características. São eleitos como os melhores representantes de uma mesma categoria os membros que estabeleçam relação de semelhança de família com outros membros categoriais menos representativos:

⁵ [...] that prototype effects result from the nature of cognitive models, which can be viewed as “theories” of some subject matter.

“Esses membros ou instâncias não seriam todos igualmente representativos, haveria entre eles assimetrias ou efeitos prototípicos, de modo que algum deles seria tomado como exemplo mais representativo da categoria ou como seu protótipo.” (IMACULADA, 2009, p. 32)

Acerca dessas implicações, Assunção e Sperandio (2011, p. 505) afirmam: “O protótipo é considerado o melhor exemplo, se possuir as propriedades consideradas típicas de uma categoria. Sendo dessa forma, o exemplo típico.”

Lakoff (1987), ao abordar a Teoria dos Protótipos no âmbito da Linguística Cognitiva, resume o fenômeno da categorização afirmando que a categorização humana é, essencialmente, uma questão de experiência e de imaginação: de um lado estão presentes a percepção, a atividade motora e a cultura, de outro, a metáfora a metonímia e os esquemas de imagens.

O teórico advoga que a maior parte da categorização é automática e inconsciente e que categorizamos pessoas, animais e objetos físicos, mas a maioria das categorizações que fazemos são abstratas.

Mas uma grande proporção de nossas categorias não são categorias de coisas; elas são categorias de entidades abstratas. Nós categorizamos eventos, ações, emoções, relações espaciais, relações sociais e entidades abstratas e uma gama enorme de entidades tais como: governos, doenças e teorias científicas e populares [...] Qualquer explicação adequada do pensamento humano deve fornecer uma teoria exata para todas as nossas categorias, tanto concretas como abstratas.⁶ (LAKOFF, 1987, p. 6)

Fundamentada nos estudos de Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 28), Ferreira (2015, p. 28) afirma que a linguagem dispõe de uma atividade categorizadora: “ela não é uma representação do mundo, mas uma interpretação, uma construção que fazemos do mundo. Essa construção se dá com base na experiência [...]”.

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 265),

Para compreender o mundo e agir nele, temos de categorizar os objetos e as experiências de forma que passem a fazer sentido para

⁶ But a large proportion of our categories are not categories of *things*; they are categories of abstract entities. We categorize events, actions, emotions, spatial relationships, social relationships, and abstract entities of an enormous range: governments, illnesses, and entities in both scientific and folk theories [...]. Any adequate account of human thought must provide an accurate theory for *all* our categories, both concrete and abstract.

nós. Algumas de nossas categorias emergem diretamente de nossa experiência, devido à forma de nossos corpos e à natureza de nossas interações com as outras pessoas e com nosso ambiente físico e social.

Como já citamos, os autores apontam para a natureza experiencialista dos MCIs, que têm como principal pressuposto a noção de que o homem é parte integrante do mundo, e as estruturas que compõem o sistema conceitual humano emergem de nossas experiências e interações diárias com outras pessoas e com o ambiente físico e sociocultural.

Para Feltes (2007, p.89), os modelos cognitivos são entendidos como construtos idealizados por duas importantes razões: primeiro, não precisam refletir fielmente a realidade, ou seja, se ajustar perfeitamente ao mundo, já que “o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc.”, Em segundo lugar, podem existir diferentes modelos cognitivos para uma mesma situação. Portanto, esses modelos resultam da capacidade de categorização humana.

Ainda para Lakoff (1987), todo conhecimento que adquirimos é organizado através dos MCIs e a categorização e os protótipos são domínios considerados subprodutos dessa organização. O teórico explica que as noções em torno dos MCIs têm como base quatro fontes: A Semântica de *Frames* de Fillmore (1982), a Teoria da Metáfora e Metonímia de Lakoff e Johnson (2002[1980]), a Gramática Cognitiva de Langacker (1987) e a Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1985).

É importante assinalar que os pressupostos de Lakoff (1987) acerca dos modelos cognitivos idealizados demonstram também a existência de uma relação de equivalência entre os modelos cognitivos e os modelos culturais. A partir da postulação de Lakoff (1987), Feltes (2007, p. 90) propõe que determinados modelos cognitivos podem, em muitos contextos, ser compreendidos como modelos culturais, já que há uma estreita relação entre a cognição humana e a experiência corpórea, sociocultural e histórica. Entretanto, a autora ressalta que nem todos os modelos cognitivos podem ser assim compreendidos, pois há discussões acerca de alguns modelos cognitivos que apresentam caráter universal.

Ao refletir sobre a correlação entre os MCIs e cultura, Lakoff (1987) exemplifica com destaque ao modelo de semana que se configura como um modelo idealizado: “Nosso modelo de uma semana é idealizado. Sete dias por semana não existem objetivamente na natureza. Eles são criados por seres humanos. De fato, nem todas as

culturas possuem os mesmos tipos de semanas.”⁷ (LAKOFF, 1987, p. 69, tradução nossa)

Lenz (2013, p. 33), em conformidade com os argumentos de Lakoff (1987), afirma que “Como nem toda cultura adota este nosso modelo de semana, fica evidente que os aspectos culturais são importantes na construção dos significados”.

De acordo com Feltes e Keller (2011, p. 366),

Os MCIs apresentam um conjunto de propriedades, quais sejam: são experienciais; têm natureza gestáltica, têm uma estrutura ecológica e são imaginativos e são utilizados para organizar diferentes domínios de experiências, para entender o mundo, para dele construir sentido.

Segundo Lakoff (1987), os MCIs utilizam quatro tipos de princípios estruturadores: estruturas de imagem-esquemática; estruturas proposicionais; mapeamentos metonímicos e mapeamentos metafóricos. Tais princípios dão origem a cinco tipos básicos de modelos cognitivos:

1. esquema de imagens;
2. proposicionais;
3. metonímicos;
4. metafóricos;
5. simbólicos.

Os modelos de esquema de imagens são conceitos diretamente ligados às nossas experiências materiais e compostos por imagens sinestésicas, ou seja, são estruturados a partir da percepção que temos do nosso corpo, do movimento, do formato dos objetos.

Feltes (2007, p. 130), ao apontar algumas propriedades importantes relacionadas a tais conceitos, destaca que esses modelos são: (a) de natureza corporal-cinestésica; (b) impõem uma estrutura à experiência de espaço; (c) são mapeados para domínios conceptuais abstratos através de metáfora e metonímia; (d) estruturam modelos cognitivos complexos.

A autora, com base nos estudos de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), destaca alguns esquemas de imagens estruturantes dos MCIs oriundos de nossa experiência

⁷ Our model of a week is idealized. Seven-day weeks do not exist objectively in nature. They are created by human beings. In fact, not all cultures have the same kinds of weeks.

corpórea. São eles: contêiner (interior – fronteira – exterior); parte-todo; ligação; centro-periferia; origem-percurso-meta; para cima – para baixo.

De acordo com Ferrari (2011, p. 87), esses esquemas são conceitos abstratos, não detalhados, fundamentados por padrões que emergem de instâncias repetidas da experiência de base corpórea.

Os esquemas imagéticos podem fundamentar a estrutura conceptual dos MCI's. Nossa experiência do ESPAÇO é estruturada, em grande parte, com base nos esquemas imagéticos de CONTÊINER, PARTE-TODO, FRENTE-TRÁS, CIMA-BAIXO, ORIGEM-META-DESTINO etc. (FERRARI, 2011, p. 54, grifos da autora)

Dentre os esquemas imagéticos apresentados, discorreremos, brevemente, sobre os **esquemas origem-percurso-meta e contêiner**.

O esquema **origem-percurso-meta** refere-se, basicamente, a um ponto de partida, ou seja, um deslocamento até um ponto de chegada, objetivo dessa trajetória. Para Feltes (2007, p. 133), “este esquema espaço-temporal deriva de um grande número de atividades humanas, todas elas experienciadas nestes termos: um ponto de início, um ponto final e ‘uma sequência de posições contínuas conectando a fonte ao destino’”.

A autora afirma que o conceito *pesquisa* é estruturado em termos desse esquema. Sendo assim, a realização de uma pesquisa implica haver um ponto de partida, um percurso a ser percorrido e um ponto de chegada. Conforme Feltes (2007), podemos constatar esses aspectos, por exemplo, em expressões do tipo:

- A pesquisa *partiu* da detecção da presença de flúor na água da represa.
- A *sequência de procedimentos* que constituem as diferentes *etapas* da pesquisa será descrita a seguir.
- A *cada passo* da pesquisa sabíamos que não podíamos recuar.
- *No fim da pesquisa, chegamos à conclusão* de que era eficaz o tratamento com o novo medicamento.

Já o esquema **contêiner**, de acordo com Feltes (2007, p. 130 grifos da autora),

consiste em uma FRONTEIRA que distingue um INTERIOR de um EXTERIOR. Nosso próprio corpo é experienciado como um contêiner (uma espécie de recipiente) e, a partir dessa experiência, muitas outras

coisas passam a ser estruturadas cognitivamente dessa forma objetos, atividades, etc.

A estrutura interior do esquema **contêiner** é composta pelos elementos **interior** – **fronteira** – **exterior**. Feltz (2007) exemplifica contêiner com expressões advindas do conceito de família que exprimem, estruturalmente, a ideia de um **interior**, uma **fronteira** e um **exterior**:

- Estou satisfeito por *entrar* em nossa família.
- É uma família *fechada* – não são sociáveis.
- Isso deve ser mantido *nos limites* dessa família.

Os **modelos cognitivos proposicionais** apresentam como principal característica uma natureza objetivista, marcada pela ausência de mecanismos imaginativos, como metáfora, metonímia ou imagens mentais. Estruturalmente são constituídos em termos de esquemas de imagem e sua natureza é caracterizada pelo conjunto de elementos utilizados no MCI, tanto no nível mais básico (entidades, ações, estados, propriedades, etc.), até outros níveis de modelos cognitivos.

Os modelos cognitivos proposicionais classificados por Lakoff são os seguintes: proposição simples; *frame*; cenário ou *script*; feixe de traços; taxonomia e categoria radial. Para fins de exemplificação, em nosso estudo, elegemos os modelos proposicionais do tipo *frames* e *script*, sobre os quais faremos uma breve caracterização a seguir.

É importante assinalar que Lakoff (1987) engloba os *frames* à Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados não somente como um tipo de modelo proposicional, mas também a outros tipos de modelos, como os metafóricos e metonímicos.

Dentro do domínio da linguística, Fillmore (1982) foi o pioneiro na utilização do termo *frame* que, num primeiro momento, foi utilizado somente como descrição. Posteriormente, ele e outros teóricos expandiram seu uso ao incluírem a caracterização de estruturas de conhecimento, incorporando, dessa forma, a análise da linguagem para o campo de estudos que envolvem fenômenos cognitivos.

De acordo com Barreto (2011, p. 33), *frames* “podem ser entendidos, dentro do domínio da Linguística, como estruturas que representam conceitos, evidenciando uma cena ou uma situação abstrata, fazendo uso, algumas vezes, de palavras para facilitar a compreensão”.

Ferrari (2011), por sua vez, advoga que há uma relação de subordinação do significado das palavras em relação aos *frames*. Desse modo, segundo a autora, quando interpretarmos uma dada palavra, ou um grupo de palavras, recorreremos ao acesso de estruturas de conhecimento que envolvem elementos e entidades relacionados a cenas da experiência humana, a partir das bases físicas e culturais.

Para efeito de exemplificação, mencionamos a categoria *solteiro*, discutida por Lakoff (1987). O autor, compartilhando dos estudos de Fillmore, retoma o exemplo da categoria *solteiro*, usada para fazer referência a um homem adulto, não casado. Entretanto, esse termo não corresponde normalmente a todos os homens com esses atributos, ou seja, existem alguns homens não casados, com idade considerada “ideal” para casar, mas não fazem parte dessa categoria, como o Papa, por exemplo.

Segundo o autor supracitado, na realidade, *solteiro* é definido em relação a um MCI estabelecido numa sociedade humana que pressupõe casamentos tipicamente monogâmicos e uma idade específica para casar. Entretanto, esse MCI não se ajusta ao mundo de forma precisa, apresenta diferentes níveis de semelhança ao desconsiderar “a existência de padres, casais estáveis não casados, homossexuais, polígamo etc”. (FERRARI, 2011, p. 55). É por essa razão, portanto, que são compreendidos como idealizados e geram efeitos prototípicos relacionados a uma categoria.

Um modelo cognitivo idealizado pode se encaixar na compreensão do mundo seja perfeitamente, muito bem, um pouco bem, muito mal, mal ou não se encaixar de forma alguma. Se o MCI em que *solteiro* é definido se encaixa em uma situação perfeitamente, tendo em vista que a pessoa referida pelo termo é inequivocadamente um homem adulto não casado, dessa maneira, ele se caracteriza como um membro da categoria *solteiro*.⁸ (LAKOFF, 1987, p. 70, grifo do autor, tradução nossa)

Nessa perspectiva, o teórico destaca que os MCIs se manifestam em todo e qualquer ato de categorização, podendo uma mesma categoria incluir um ou vários modelos. É o que Lakoff denomina de *Cluster Models*, em que vários MCIs se combinam, formando um conjunto complexo. Um exemplo é o da categoria complexa

⁸ An idealized cognitive model may fit one's understanding of the world either perfectly, very well, pretty well, somewhat well, pretty badly, badly, or not at all. If the ICM in which *bachelor* is defined fits a situation perfectly and the person referred to by the term is unequivocally an unmarried adult male, then he qualifies as a member of the category *bachelor*.

do conceito *mãe*, estruturado de forma complexa por um encadeamento de MCIs, como se pode verificar a seguir:

Modelo de nascimento – a pessoa que dá a luz é a mãe.

Modelo genético – a fêmea que doa material genético é a mãe.

Modelo de criação – a fêmea adulta que nutre e educa a criança é a mãe.

Modelo conjugal – a esposa do pai é a mãe.

Modelo genealógico – o ancestral feminino mais próximo é a mãe.

A partir da análise, podemos perceber que cada um dos modelos supracitados categoriza diferentes domínios do que corresponde, presumidamente, ser *mãe* em nossa cultura. Logo, cada modelo cognitivo representa apenas uma parte da categoria *mãe*. Isso nos mostra que a base motivadora de um MCI é composta por nossas experiências, necessidades, valores e propósitos.

Já o *script* é estruturalmente fundamentado no esquema ORIGEM-PERCURSO-META, quando corresponde ao domínio temporal (ponto inicial, sequência de eventos e estágio final); e no esquema PARTE-TODO, quando cada momento do *script* representa uma de suas partes. (FELTES, 2007, p. 136)

A autora explica que *script* “é uma cadeia de inferências pré-organizadas relativa a uma situação de rotina específica” (FELTES, 2007, p.136). Lakoff (1987, p. 285) afirma que o referido modelo é constituído por “um estado inicial, uma sequência de eventos e um estado final”.

Para efeito de exemplificação, Lakoff (1987, p. 78) menciona o *script* relatado por Schank e Abelson (1977), por meio do qual é possível observar que ir a algum lugar em um veículo envolve um cenário estruturado e implica haver uma sequência de eventos que integram essa situação com seguinte cenário:

Condição prévia: você tem (ou tem acesso a) um veículo.

Embarque: você entra no veículo e aciona-o.

Centro: você dirige para o seu destino.

Final: você estaciona e sai do veículo.

Ponto final: você está no seu destino.

Os modelos cognitivos metonímicos ocorrem em um único domínio conceptual e são gerados a partir da presença de dois conceitos, A e B. O conceito B tanto pode ser parte de A como estar relacionado a A. Com relação a A, B é mais fácil de ser entendido ou lembrado numa dada circunstância, sendo a relação determinada de B para A.

Para Feltes (2007, p. 146) esse tipo de modelo é uma das mais abundantes fontes de efeitos prototípicos uma vez que

está estruturado a partir do princípio de que um membro de uma categoria, uma subcategoria ou um submodelo é tomado como representativo da categoria ou do modelo como um todo para uma ampla variedade de propósitos: raciocínio em geral, dedutivo ou indutivo, reconhecimento de objetos; para fazer inferências; para fazer julgamentos, para fazer planos, etc.

Além disso, segundo a autora, os modelos metonímicos são representados estruturalmente em termos de esquema CONTAINER e ORIGEM-PERCURSO-META.

Para Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 92), a metonímia tem essencialmente uma função referencial, isto é, permite usar uma entidade para representar outra, apresentando também a função de favorecer o entendimento.

Lakoff (1987) apresenta algumas fontes metonímicas de efeitos prototípicos que são utilizados para vários tipos de propósitos: os estereótipos sociais; os exemplos típicos; os ideais; os padrões; os geradores; os submodelos e os exemplos salientes. Para fins de exemplificação, nos limitaremos a discorrer, brevemente, sobre os modelos metonímicos do tipo estereótipos sociais.

Os modelos metonímicos **estereótipos sociais** são aqueles em que um membro de uma categoria tem um *status* socialmente reconhecido e pode representar a categoria como um todo, geralmente com o propósito de fazer julgamentos e inferências sobre as pessoas.

Lakoff (1987, p. 79) exemplifica esse tipo de modelo afirmando a existência da categoria *mãe-dona-de-casa*, em que sua existência define as expectativas culturais sobre o que uma mãe é, e, também, a existência da subcategoria *mãe-que-trabalha-fora*:

“Em geral, em nossa cultura, as mães-dona-de-casa são tomadas como os melhores exemplos de mães do que mães-que-trabalham-fora”⁹

Segundo Feltes (2007), *mãe-dona-de-casa* é definida por um esteriótipo social que apresenta aspectos de uma mãe que cria em tempo integral o filho, ou seja, cria, cuida e educa. Já a *mãe-que-trabalha-fora* apresenta propriedades opostas ao esteriótipo *mãe-dona-de-casa*, não cuida, nem educa seus filhos, já que passa a maior parte do tempo fora de casa.

Assim, os modelos metonímicos **esteriótipos sociais** apresentam sua importância, sobretudo, porque podem motivar e definir expectativas culturais que formulamos sobre uma determinada categoria.

Os modelos cognitivos metafóricos ocorrem entre dois domínios diferentes e consistem na projeção de domínios concretos de nossas experiências para domínios abstratos. Feltes (2007, p.152), compartilhando os estudos de Lakoff e Turner (1989), afirma que a metáfora “é conceitualmente indispensável ou básica à medida que dispensá-la é, em alguma medida, mudar o modo de pensar”.

Nesse sentido, conforme formulação de Feltes (2007), com base em Lakoff (1987), os modelos metafóricos se caracterizam, estruturalmente, a partir da existência de um domínio fonte A, tido como bem estruturado; de um domínio alvo B, o qual necessita ser estruturado para a sua compreensão; de um mapeamento responsável pela ligação metafórica entre o domínio fonte e o domínio alvo; e de uma projeção metafórica¹⁰ ou mapeamento de A para B, naturalmente motivada pela correlação estrutural existente entre esses domínios.

Keller e Feltes (2011, p. 375), compartilhando os estudos de Barcelona (2003), argumentam que a metáfora é entendida pela correlação entre esses dois domínios conceituais: um domínio-fonte A e um domínio-alvo B, e que, em se tratando de metáfora, o mapeamento é unidirecional: sempre lançados de A (domínio-fonte) em direção a B (domínio-alvo).

Acerca da importância do uso cotidiano da metáfora, Imaculada (2009, p. 37) destaca:

⁹ On the whole in our culture, housewife-mothers are taken as better examples of mothers than nonhousewife-mothers.

¹⁰ Salientando que, nesta pesquisa, utilizamos o termo “mapeamento metafórico” conforme Feltes (2007).

As metáforas são um importante aspecto do processamento cognitivo, pois fazemos uso, cotidianamente, de complexos conceitos metafóricos os quais, ao mesmo tempo em que têm sua base na experiência bio-sociocultural do indivíduo, orientam seu raciocínio e seu agir social. Nesse sentido, os mapeamentos metafóricos nos fornecem uma boa percepção dos valores e da organização de uma cultura.

A partir da conceptualização metafórica de *discussão*, por exemplo, podemos observar que o mapeamento ocorre parcialmente entre diferentes domínios, do domínio fonte para o domínio alvo, conforme evidenciam os exemplos a seguir apresentados por Ferrari (2011):

1. DISCUSSÃO É JORNADA

DA ← DF

Aonde você quer chegar?

Esse argumento nos leva mais a diante.

2. DISCUSSÃO É GUERRA

DA ← DF

Ele atacou todos os pontos fracos do meu argumento.

Eu nunca venci uma discussão com ele.

Como podemos perceber, no exemplo (1), alguns aspectos do domínio-fonte, conceito mais concreto (jornada), foram mapeados para o domínio-alvo, o mais abstrato (discussão). Dessa forma, o conceito *discussão* é conceptualizado em termos de um caminho que se percorre para chegar a determinado lugar; uma distância ou espaço que se pode avançar.

Já no exemplo (2), o mapeamento de *discussão* ocorre em termos de uma guerra em que podemos atacar as posições (argumentos) de nosso adversário; ganhar ou perder uma discussão. Todas essas ações são realizadas numa *discussão* e parcialmente estruturadas em termos de guerra.

Os modelos cognitivos simbólicos ocorrem a partir da associação de elementos linguísticos com elementos conceituais dos MCIs. Feltes (2007) explica que esses modelos apresentam como característica básica a combinação de modelos de formas

com modelos cognitivos. Para a autora: “Esses modelos têm sua base teórica em uma gramática cognitiva do tipo proposto por Langacker (1986), visando, portanto, a uma descrição-explicação da gramática em termos cognitivos, motivada semanticamente.” (FELTES, 2007, p. 167)

Segundo Lakoff (1987), os MCIs simbólicos operam em três níveis de descrição linguística: os itens lexicais, categorias gramaticais e construções gramaticais.

Dentro do nível dos itens lexicais, Feltes (2007), fundamentada em Lakoff (1987), destaca a polissemia por considerá-la, com base na semântica de *frames*, um MCI do tipo simbólico. Isso implica dizer, conforme a autora, que o significado de itens lexicais, enquanto palavras e morfemas, pode ser definido como MCI, e o significado de cada item lexical seria representado como um elemento pertencente a um modelo cognitivo que, como um todo é tomado como o *background* contra o qual a palavra é definida.

A autora cita o exemplo apresentado pelo teórico em que um único MCI pode ser a base sobre a qual um conjunto de sentidos forma uma única categoria natural, expresso por um único item lexical. É o caso do item lexical ‘janela’ que, segundo Lakoff (1987, p. 416) “Ela pode se referir tanto a uma abertura na parede quanto a um quadro repleto de vidro naquela abertura”¹¹.

O autor explica que o fato da abertura na parede e a moldura preenchida por vidros serem compreendidas de forma conjunta para se ajustarem uma à outra fisicamente e se corresponderem no mesmo modelo cognitivo, parece torná-los membros de um mesmo modelo cognitivo.

Assim, conforme Feltes (2007, p. 162), com base nesse modelo cognitivo, o mesmo item lexical ‘janela’ seria utilizado:

para referir o conjunto inteiro

Quantas janelas sua casa tem?

para referir apenas a abertura

Assustado, o rapaz pulou pela janela.

para referir a moldura apenas

A janela está torta; precisamos recolocá-la.

para referir os vidros apenas

¹¹ It can refer either to an opening in a wall or to the glass-filled frame in that opening.

Os meninos acabaram de quebrar a janela com sua bola.

Podemos perceber nos exemplos supracitados, um único MCI sendo utilizado em diversos contextos, assumindo vários sentidos, tornando-se, portanto, uma categoria natural de sentidos. Nas palavras do autor:

Essas correspondências dentro de nosso modelo de que janela é motivada para o uso da palavra janela nesses três sentidos (abertura, quadro e vidro), além de nos permitir visualizar esses três sentidos não como independentes, mas formando uma categoria natural de sentidos.¹² (LAKOFF, 1987, p. 417)

Em função dos objetivos deste trabalho, apresentaremos, na seção seguinte, uma revisão sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, nas visões tradicional e contemporânea, que constitui, dentre outras teorias, a fundamentação teórica desse estudo investigativo.

1.2 A Teoria da Metáfora Conceptual

Ao longo dos séculos, diversas vertentes tradicionais, como a Retórica e a Poética, apresentaram valiosas reflexões e definições sobre a metáfora. O estudo do fenômeno metafórico chegou à atualidade passando pela tradição Retórica, remontada a Aristóteles, sob um olhar puramente linguístico. A vinculação da metáfora a essas vertentes fez com que ela fosse por muito tempo vista apenas como uma figura ou como um adereço para ornamentar a linguagem.

Segundo Sardinha (2007, p. 20), a noção mais antiga de metáfora no Ocidente de que se tem notícia advém de Aristóteles, século IV a. C. Aristóteles, na Arte Poética, define metáfora como sendo “ A metáfora é a transferência de uma palavra que pertence a outra coisa, ou do gênero para espécie ou da espécie para o gênero ou de uma espécie para outra ou por via de analogia. ” (ARISTÓTELES, 2008, p. 83).

Podemos observar, a partir dessa definição, que Aristóteles confere à metáfora um papel que a restringe ao universo do nome ou da palavra e não ao do discurso. Cumpre advertir, contudo, que em Aristóteles, a metáfora é uma figura pertencente

¹² The fact that the opening in the wall and the glass-filled frame have been brought together to fit one another physically and to correspond to one another in the same cognitive model seems to make them members of the same cognitive category-so much so that in sentences like the following the word window doesn't seem to distinguish between them.

tanto à Retórica quanto à Poética, ou seja, apresenta uma função poética e uma função retórica. Acerca dessa dualidade da função metafórica no escopo visão tradicional, Andrade (2010, p. 37) argumenta que a vinculação da metáfora a esses domínios ocorre por meio da palavra (*léxis*) e “Com isso, a herança de Aristóteles foi interpretada durante séculos e séculos como matéria inerente ao estudo da palavra. Então, se, quanto ao uso, Aristóteles reconhece a pluralidade da metáfora, é na estrutura que sua visão torna-se mais estreita”.

Paul Ricoeur, em seus estudos, assim coloca a questão:

Selou-se por séculos a sorte da metáfora: ela se uniu doravante à poética e à retórica, não em termos de discurso, mas em termos de um segmento do discurso, o nome. Resta saber se, sob a pressão dos exemplos, uma teoria virtual da metáfora-discurso não fará rebentar a teoria explícita da metáfora-nome. (RICOEUR, 2000, p. 25)

Outro aspecto de grande relevância nos estudos aristotélicos é o de que a metáfora, nessa perspectiva, é definida em termos de movimento, ou seja, como uma transposição de termos, configurando, assim, um afastamento de seu uso em nossa linguagem ordinária. Ainda na noção aristotélica, o termo metafórico é qualificado como um nome “estranho” ou “alheio” (*allotrios*), implicando, assim, numa aproximação ao emprego de termos raros, ornamentos e de invenções da linguagem.

Segundo Sardinha (2007, p.21), ao longo do tempo, a categoria inicial de metáfora arrolada por Aristóteles foi fragmentada e transformada em diversas “figuras de linguagem”. Para ele, foi muito provavelmente na Renascença que ocorreu um grande período de intensificação da classificação das figuras de linguagem, já que era muito comum à época a classificação do mundo em categorias.

De acordo com Ricoeur (2000), ainda para Aristóteles a metáfora está pautada na ideia de substituição, já que a palavra metafórica ocupa o lugar de outra possível de se empregar.

A ideia aristotélica de *allotrios* tende a aproximar três ideias distintas: a ideia de *desvio* em relação ao uso ordinário, a ideia de *empréstimo* a um domínio de origem, e a de substituição em relação a uma palavra comum ausente mas disponível. [...] É a ideia de substituição que parece a mais preta de consequências, pois se, com efeito, o termo metafórico é um termo substituto, a informação fornecida pela metáfora é nula, o termo ausente podendo ser restituído caso exista; e, se a informação é nula a metáfora tem somente um valor ornamental,

decorativo. Essas duas consequências de uma teoria puramente substitutiva caracterizarão o tratamento da metáfora na retórica clássica. (RICOEUR, 2000, p. 25, grifos do autor)

Como podemos ver nessa breve discussão, as reflexões aristotélicas, sedimentadas ao longo dos séculos, forneceram várias definições que fomentam até hoje os estudos do fenômeno metafórico. Por outro lado, esse trabalho legou à metáfora a noção de figura com a função meramente ornamental ou decorativa, objeto da poesia e da retórica. Contudo, o legado aristotélico só será refutado pelo enfoque cognitivo da metáfora, cujos pressupostos figuram no domínio do pensamento e da linguagem.

A partir da década de 1970, o linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson deram um novo impulso aos estudos sobre metáfora ao consolidarem uma “ruptura paradigmática” no que concerne ao entendimento da natureza e estrutura do fenômeno metafórico. Essa revolução, por assim dizer, nos estudos da metáfora, ocorreu por meio de pesquisas inseridas no âmbito da Linguística Cognitiva, cujo surgimento se deu no final dos anos 1970 e princípio dos anos 1980, correlacionada aos estudos de Rosch e colaboradores e sob a crítica ao paradigma gerativista. Com a publicação do livro *Metaphors we live by*, em 1980, os autores apresentam uma visão inovadora sobre metáfora e estabelecem uma ruptura profunda com a concepção clássica. Contrariamente à visão tradicional, a qual o uso da metáfora estaria dissociado da linguagem cotidiana, ou seja, relacionado apenas à ornamentação de textos literários e poéticos, os autores afirmam que as metáforas utilizadas em nossa linguagem ordinária exercem grande influência em nossas vidas. Por isso, não devem ser compreendidas apenas como figuras ou ornamentos da linguagem com finalidade estética, mas como figuras de pensamento que integram nosso aparato cognitivo e, por isso, influenciam na nossa maneira de pensar, raciocinar e agir.

[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45)

Os autores mudaram a visão clássica da metáfora reconhecendo seu caráter conceptual presente não somente na linguagem, mas também no pensamento e ação do

homem. Assim, para esses autores, a metáfora não é apenas uma forma de falar sobre um determinado assunto ou tema, já que a nossa linguagem está relacionada a um imenso sistema metafórico subjacente no nível dos domínios conceituais.

Lakoff e Johnson (2002[1980]) trilharam o percurso iniciado por Reddy (1979), que analisou, rigorosamente, em diversos enunciados, a conceptualização metafórica do conceito de comunicação empregado na língua inglesa, em seu ensaio sobre a metáfora de canal intitulado *The conduit metaphor*.

Em seu artigo, Reddy (1979, p. 290) demonstra que a linguagem é compreendida como um canal que transfere pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra, como se as pessoas armazenassem seus pensamentos nas palavras. Essas, por sua vez, seriam transmitidas de uma pessoa para outra que, ao ouvir ou ler, extrairiam esses pensamentos e sentimentos mais uma vez. É fundamentado nesses parâmetros, portanto, que o autor constitui a base conceptual da metáfora do canal.

Lakoff e Johnson (2002[1980]), compartilhando os estudos de Reddy (1979), estabelecem a concepção de metáfora como um mecanismo conceptual e propõem as metáforas conceptuais às expressões linguísticas. A partir dessa tese, constatam que a linguagem humana revela um vasto sistema conceptual metafórico, que exerce grande influência em nosso pensamento e nossa ação. Dessa forma, segundo os autores, a maioria das ações e aspectos de nossa vida cotidiana é estruturada em termos de metáforas e, portanto, pensamos e agimos a partir delas. Nesse sentido, afirmam que as metáforas são atualizadas por expressões linguísticas metafóricas presentes no domínio da cognição e a maioria dos conceitos abstratos são entendidos via metáfora.

Para efeitos de exemplificação, os autores demonstram que, para falar de um conceito abstrato como DISCUSSÃO, recorremos ao uso de expressões linguísticas que revelam a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA.

Lakoff e Johnson (2002[1980]) explicam que, quando experienciamos discussão em termos de guerra, agimos e pensamos como se estivéssemos numa batalha. Os autores assim colocam a questão:

É importante perceber que não somente falamos sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão. Vemos as pessoas com quem discutimos como um adversário. Atacamos suas posições e defendemos as nossas. Ganhamos e perdemos terreno. Planejamos e usamos estratégias. Se achamos uma posição indefensável, podemos abandoná-la e colocar-

nos numa linha de ataque. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 47, grifo dos autores).

Podemos observar os argumentos supracitados a partir de várias expressões, como por exemplo: “Seus argumentos são *indefensáveis*”; “Ele atacou *todos os pontos fracos* da minha argumentação”; “Suas críticas foram *direto ao alvo*”; “Jamais *ganhei* uma discussão com ele”.

Os autores ainda afirmam que muitas das ações executadas numa discussão são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra, já que alguns aspectos são iluminados enquanto outros são encobertos: “Embora não haja uma batalha física há uma batalha verbal, que se reflete na estrutura de uma discussão – ataque defesa, contra-ataque etc.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 47).

O tratamento cognitivo da metáfora desencadeou vários questionamentos no escopo dos estudos linguísticos, sobretudo, no tocante às dicotomias literal x figurado e objetivismo x subjetivismo.

Nessa perspectiva, segundo os autores, no pensamento ocidental, predominavam duas visões: a objetivista, que adota uma postura fundamentada em verdades absolutas e incondicionais sobre nossa realidade, que influenciou diferentes correntes filosóficas; e a visão subjetivista, ligada à racionalidade, ao autoconhecimento e emoções, presente na tradição romântica.

Em defesa do paradigma experiencialista, segundo o qual a verdade é diretamente relacionada a um sistema conceptual, os autores consideram que a metáfora resulta da união entre a razão e a imaginação, ao que foi denominado de *racionalidade imaginativa*. O experiencialismo proposto por Lakoff e Johnson 2002[1980] une algumas noções fundamentais referentes às duas visões opostas (objetivista e subjetivista), ou seja, razão e imaginação a partir da metáfora. Nesse sentido, postulam que o sistema conceptual humano é naturalmente metafórico e não há verdade completamente objetiva, incondicional ou absoluta.

Não cremos que haja uma *verdade objetiva* (absoluta e incondicional), embora tal tese tenha sido um tema constante na cultura Ocidental. Acreditamos sim que haja *verdades*, mas cremos que a idéia de verdade não deva estar ligada à visão objetivista. Acreditamos que a idéia de que exista uma verdade absoluta e objetiva seja não apenas errônea, como também perigosa social e politicamente. Como vimos,

a verdade é sempre relativa a um sistema conceptual. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 262, grifos do autor).

Como podemos perceber nos argumentos descritos, os autores propõem uma explicação da verdade que refuta, parcialmente, pressupostos tanto do mito do objetivismo como do mito do subjetivismo, rejeitando as concepções mais extremistas presentes nas duas visões. Dessa forma, ao propor o mito experientialista como alternativa aos dois mitos supracitados, os autores afirmam: “A razão de focalizarmos tanto a nossa atenção sobre a metáfora é que ela une razão e imaginação.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 302).

Para os autores, de acordo com a abordagem experientialista, nosso sistema conceptual é fundamentado por nossas experiências com o corpo e nossas experiências culturais “nosso sistema conceptual emerge de nosso agir constante e bem sucedido em nosso ambiente físico e cultural.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 288).

Ainda na obra *Metaphors we live by*, os teóricos distinguem, oposicionalmente, as metáforas convencionais das metáforas novas. Estas, segundo os autores, se encontram fora de nosso sistema conceptual, emanam a partir de nossa criatividade e imaginação e têm a capacidade de prover um novo sentido a nossa experiência: “Essas metáforas são capazes de nos dar uma nova compreensão de nossa experiência. Desse modo, elas podem dar sentido novo ao nosso passado, às nossas atividades diárias, ao nosso saber e às nossas crenças.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 235).

Para ilustrar essa metáfora, os autores citam O AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA e argumentam que esse tipo de metáfora está ligado às nossas vivências e conhecimentos individuais que dão sentido às nossas experiências. A metáfora supracitada, segundo os autores, surge a partir do que experienciamos e acreditamos ser o amor e uma obra de arte colaborativa, desencadeando, portanto, uma rede de implicações. Nesse sentido, o entendimento metafórico será distinto a cada indivíduo conforme suas experiências com esses conceitos, podendo apresentar diferentes graus de familiaridade para formação de uma totalidade coerente ou não. Isso porque, segundo os teóricos

As metáforas novas têm o poder de criar uma realidade nova. Isso pode começar a acontecer quando começamos a entender nossa experiência em termos de uma metáfora e ela se torna uma realidade mais profunda quando começamos a agir em função dela. Se a

metáfora nova entra no sistema conceptual em que baseamos nossas ações, ela alterará esse sistema conceptual e as percepções e ações a que esse sistema deu origem. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 242).

Conforme já mencionado neste trabalho, na perspectiva dos autores, a concepção de metáfora encontra-se no domínio conceptual e estruturada cognitivamente. Para os estudiosos, a linguagem metafórica é inerente ao ser humano, ou seja, é algo que, geralmente, não fazemos uso conscientemente. Nesse sentido, a metáfora seria uma operação cognitiva compreendida como o ato de “*compreender e experienciar uma coisa em termos de outra*” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 48, grifo dos autores).

As metáforas, segundo os autores, consistem de uma estrutura binária a partir da relação entre um domínio fonte e um domínio alvo. Um exemplo comumente usado para ilustrar a relação entre esses domínios é o da metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM. Do mapeamento entre esses domínios são selecionados alguns aspectos, de forma parcial e seletiva, partindo de um domínio fonte, conceito mais concreto (viagem), para um domínio alvo, o mais abstrato, subjetivo (amor). Há de se ressaltar, portanto, que no mapeamento não há uma identificação total entre os conceitos metafóricos. Isso implica dizer que os domínios de uma metáfora iluminam alguns aspectos e ocultam outros. Dos mapeamentos relacionados à metáfora supracitada, podemos obter expressões linguísticas metafóricas como: ‘Nosso casamento está indo muito bem’, ‘Decidimos tomar caminhos diferentes’ que são expressões linguísticas que atualizam a metáfora AMOR É UMA VIAGEM.

Lakoff e Johnson, em 1980, classificam as metáforas conceptuais em três categorias: estruturais, orientacionais, ontológicas.

As **estruturais** são aquelas que estruturam metaforicamente um conceito em termos de outro, ou seja, estruturam nossa maneira de pensar, raciocinar e agir. Um dos exemplos apresentados pelos autores para esse tipo de metáfora é TEMPO É DINHEIRO, em que tempo é compreendido em termos de algo que podemos economizar, desperdiçar, gastar. Nesse caso, o conceito de tempo (abstrato) é estruturado metaforicamente como sendo dinheiro, conceito mais concreto. Algumas expressões metafóricas que atualizam esse tipo de metáfora são: “Você deve calcular bem o seu tempo”; “Eu perdi muito tempo quando estive doente”; “Tenho investido muito tempo nela”.

As **orientacionais** são caracterizadas por organizar um sistema de conceitos em relação a outro com base em nossa experiência física e cultural. Grande parte das metáforas orientacionais está relacionada com orientações espaciais do tipo: “para cima – para baixo”, “dentro – fora”, “frente – trás”, “em cima de – fora de”, “fundo-raso”, “central – periférico”. Como exemplos, temos FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, que estão presentes em expressões linguísticas como “Eu estou me sentindo para cima”; “Meu astral subiu”; “Estou me sentindo para baixo”; “Estou deprimido”.

As **ontológicas** são aquelas baseadas nas experiências relacionadas a eventos abstratos como atividades, emoções, ideias etc., em termos de entidades e substância, coisas ou seres. Para os autores, nossa experiência com substâncias e objetos físicos proporciona bases essenciais para nossa compreensão. Na metáfora ontológica MENTE É UMA MÁQUINA, por exemplo, a mente é experienciada como algo que pode estar, dentre outros aspectos, ‘ligado/desligado’, ‘ter um nível de eficiência’, ‘um mecanismo interno’ etc., conforme as seguintes expressões linguísticas “A minha mente simplesmente não está funcionando hoje.”, “Estou um pouco enferrujado hoje”, “Temos trabalhado neste problema o dia todo e agora está *faltando gás*”.

Segundo os autores, talvez a ocorrência mais óbvia de metáfora ontológica seja a personificação em que “objetos físicos são concebidos como pessoas. Isso nos permite compreender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.87). Um exemplo típico para essa metáfora segundo os autores, é INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO que atualiza expressões do tipo: A inflação atacou o alicerce de nossa economia”.

Após algumas pesquisas com metáforas ontológicas, Espíndola (2007) propõe dois processos distintos que evidenciam a personificação. O primeiro tipo descrito ocorre quando “uma experiência ou objeto físico é concebido como uma entidade animada” (ESPÍNDOLA, 2007, p. 50), com atribuição de características próprias de um ser vivo. O segundo processo corresponde à personificação propriamente dita, ou seja, quando são atribuídas características próprias de pessoas a entidades ou objetos físicos.

A autora denomina o primeiro tipo citado de **animação**, como observamos na expressão linguística “A inflação está *devorando* nossos lucros”; e o segundo tipo apontado, **humanização**, atualizado por expressões como “A inflação *ludibriou* as

melhores mentes econômicas de nosso país”. Assim, conforme os exemplos em destaque, o primeiro processo trata da atribuição de uma ação de um ser vivo, não humano, enquanto o segundo trata da atribuição de uma característica própria de uma pessoa que revela a personificação propriamente dita.

No posfácio da nova edição do *Metaphors we live by*, publicada em 2003, Lakoff e Johnson fazem uma revisitação à Teoria da Metáfora Conceptual. Diante dos novos estudos empreendidos, os autores reformulam alguns aspectos do enfoque cognitivo da metáfora e abandonam a classificação por eles estabelecida em 1980 em estruturais, orientacionais e ontológicas, afirmando ser possível tratar de metáfora sem nos atermos a essa classificação.

A divisão das metáforas em três tipos – orientacionais, ontológicas e estruturais – era artificial. Todas as metáforas são estruturais (no sentido de que elas mapeiam as estruturas para outras estruturas); todas são ontológicas (no sentido de que elas criam domínios-alvo como entidades); e muitas são orientacionais (no sentido de que elas mapeiam esquemas-imagem orientacionais)¹³ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 264, tradução nossa).

Os autores também afirmam haver várias inconsistências acerca da descrição da natureza e estrutura da metáfora conceptual, deixadas pela tradição Ocidental, que, em estudos posteriores, já foram reavaliadas. Acerca desses equívocos, Ferreira (2015, p. 42), em conformidade com os argumentos de (LAKOFF; JOHNSON, 2003), assim coloca a questão

[...] hoje, (1) sabemos, de maneira conclusiva, que a metáfora não é uma questão apenas linguística, mas cognitiva; (2) que ela não está baseada na similaridade, mas sim em correlações entre domínios diferentes; (3) que até mesmo os nossos conceitos mais profundos são compreendidos através de metáforas; e, ainda, (4) que o sistema de metáforas conceptuais não é arbitrário, mas corporificado e de base cultural.

Outro aspecto revisado pelos autores é que, inicialmente, na descrição metafórica, era empregada a noção do mapeamento em que aspectos do domínio-fonte

¹³ The division of metaphors into three types – orientational, ontological, and structural – was artificial. All metaphors are structural (in that they map structures to structures); all are ontological (in that they create target domain entities); and many are orientational (in that they map orientational image-schemas). (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 264).

eram aplicados ao domínio-alvo de modo correspondente, denominado de mapeamento matemático. Segundo os autores, diante dos novos estudos e descobertas, a ideia do mapeamento tornou-se inadequada, uma vez que não criava entidades alvo, assim, não demonstrava o caráter criativo da metáfora conceptual.

No intuito de suprir esse aspecto, os autores recorreram a uma outra noção: a metáfora da projeção. Nesse conceito, a metáfora seria equivalente a um retroprojektor sobre o qual se colocaria um primeiro slide, que seria o domínio-alvo, em seguida seria sobreposto um segundo slide (domínio-fonte). Adicionando, desse modo, a estrutura do domínio-fonte ao domínio-alvo, como também características extras. Porém, a metáfora da projeção demonstrou inconsistências, pois toda a estrutura do domínio-fonte seria projetada para o domínio-alvo, indo de encontro à premissa postulada pelos autores de que o mapeamento metafórico ocorre de forma parcial e seletiva. Assim, em 1997, os estudiosos abandonaram a teoria da projeção da metáfora, sendo substituída pela Teoria Neural da Linguagem.

Na perspectiva neural, conforme os autores, os domínios são compreendidos como conjuntos neurais e os mapeamentos circuitos neurais entre esses conjuntos. Conforme Sperandio (2010), na Teoria Neural, o circuito neural é moldado pela experiência, tal fato é o que determina como importante a ligação entre corpo e mente para fundamentar a formulação de um conceito de semântica estabelecida por ela: a semântica da simulação. Nas palavras da autora, “Segundo essa semântica, na produção de significados de conceitos físicos, os significados são concebidos como simulações mentais, ou seja, a ativação dos neurônios necessita da imaginação, percepção ou desempenho de uma ação.” (SPERANDIO, 2010, p. 37)

Assim, na semântica da simulação, quando imaginamos, lembramos ou sonhamos que estamos realizando algo, acionamos grande parte dos neurônios que são ativados quando realizamos de fato essas ações.

Seguindo essa perspectiva semântica, na Teoria Neural da Linguagem ocorre a corporificação direta do significado dos conceitos concretos. Temos, portanto, agora, a Teoria Neural da Metáfora, que propõe uma concepção diferente do processamento metafórico. Se, inicialmente, esse processo ocorria a partir de um domínio-fonte mapeado, em seguida, para um domínio-alvo, na Teoria Neural da Metáfora, o processamento é realizado de forma paralela, ou seja, os domínios-fonte e alvo são

ativados simultaneamente. Sperandio (2010, p. 37), exemplifica esse processo afirmando que, ao ouvirmos uma expressão metafórica,

o circuito do domínio-fonte é ativado pelos significados literais das palavras e o circuito do domínio-alvo pelo contexto. Juntos, esses dois domínios ativam o circuito do mapeamento. Como resultado, temos um circuito integrado, já que há a ativação de ambos os domínios e o processamento sobre ambos ao mesmo tempo.

Lakoff e Johnson (2003) mencionam, ainda, as contribuições de Mark Turner e Gilles Fauconnier (2002) sobre a questão da mesclagem conceptual, e os teóricos Grady e Johnson com os estudos para aquisição das metáforas primárias, como importantes para os estudos sobre a metáfora conceptual.

Nessa sessão, vimos como a Teoria da Metáfora Conceptual, nas visões tradicional e contemporânea, foi sendo desenvolvida ao longo do tempo, sobretudo, com as contribuições dos teóricos George Michael e Mark Johnson, que impulsionaram vários debates e pesquisas no campo das ciências cognitivas. Na próxima sessão, trataremos sobre as discussões dos estudos da metáfora e sua relação com cultura e ideologia.

1.3 Metáfora, cultura e ideologia

Uma questão que tem despertado interesse de muitos linguistas, no âmbito dos estudos cognitivos da metáfora, é a relação entre metáfora e cultura. Para Lakoff e Johnson (2002 [1980]), as metáforas são construídas não só com base em nossas experiências físicas, mas também culturais. Os autores já abordavam a importância dessa relação na Teoria da Metáfora Conceptual com exemplos de conceitos que fazem parte de nosso cotidiano, como TEMPO É DINHEIRO, metáfora já mencionada nesse estudo, que só é possível pelo fato de considerarmos o tempo em nossa cultura como um bem valioso. Cumpre informar, contudo, que há culturas em que o tempo não é entendido dessa forma. Portanto, como já visto anteriormente, as metáforas têm base experiencial e são estruturadas segundo nossas experiências corpóreas e culturais. Segundo os teóricos, “Os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura.” (LAKOFF ; JOHNSON (2002 [1980]), p. 71)

A interface entre metáfora e cultura recebe novos influxos com os estudos de Kovecses (2005), que entende cultura como um conjunto de entendimentos compartilhados que caracteriza um grupo (grande ou pequeno) de pessoas. Segundo o autor, esses entendimentos compartilhados, sugeridos por antropólogos como uma grande parte da definição de cultura, podem ser, muitas vezes, entendimentos metafóricos. Isso ocorre, segundo o autor, quando o foco de entendimento engloba alguma entidade abstrata, como tempo, nossa vida interna, processos mentais, emoções, qualidades abstratas, valores morais, e instituições sociais e políticas. Dessa forma, nessa abordagem da metáfora, as metáforas podem ser uma parte inerente da cultura.

Kovecses (2005), com base em Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e Grady (1997), afirma que muitas metáforas conceptuais são estruturalmente baseadas em nossas experiências corpóreas, como por exemplo, a metáfora AFEIÇÃO É CALOR, e dela surgem expressões como: *Nós temos uma relação calorosa*. Segundo Kovecses (2005), compreendemos metaforicamente afeição como calor por causa da correlação, em nossas experiências infantis, entre o abraço afetuoso de nossos pais e o calor corporal reconfortante que os acompanham. Dessa forma, quando pensamos ou falamos de afeição em termos de calor estabelecemos diretamente uma correlação com nossas experiências corporais. As metáforas decorrentes desse processo, de acordo com Grady (1997), são denominadas metáforas primárias.

Nessa perspectiva, Kovecses (2005) advoga que nossas experiências primárias universais produzem metáforas primárias universais, que são compreendidas de forma inconsciente e automática. Em determinadas línguas e culturas, segundo o teórico, as metáforas primárias podem juntar-se e formar metáforas complexas, como por exemplo, A VIDA É UMA VIAGEM, AMOR É UMA VIAGEM, que funcionam como “correspondências conceituais” ou mapeamentos entre o domínio-fonte viagem e os domínios-alvo vida e amor.

A questão importante para o autor é que as metáforas primárias, que emergem da correlação com as experiências corporais, tendem a ser universais, ao passo que as complexas tendem a sofrer influências culturais.

A questão é que as metáforas primárias são mais prováveis de serem universais, enquanto que as complexas, que se formam a partir delas, são muito menos prováveis de serem assim. As culturas influenciam

consideravelmente nas metáforas conceptuais complexas que emergem das metáforas primárias. (KOVECSES, 2005, p. 4)¹⁴

Como podemos observar nos argumentos supracitados, o autor aponta para a metáfora primária de Grady (1997), quando reflete sobre a universalidade de determinadas metáforas. Para o autor, a teoria da metáfora primária é a afirmação mais clara e explícita a respeito da universalidade de certas metáforas.

Dessa forma, Kovecses (2005) destaca algumas reflexões importantes sobre a questão da universalidade das metáforas e a influência que a cultura exerce sobre elas afirmando que:

- Experiências universais não conduzem necessariamente a metáforas universais;
- Experiência corporal pode ser usada seletivamente na criação de metáforas;
- Experiência corporal pode ser ultrapassada tanto pela cultura como por processos cognitivos;
- Metáforas primárias não são, necessariamente, universais;
- Metáforas complexas podem ser potencialmente ou parcialmente universais;
- Metáforas não são, necessariamente, baseadas na experiência corporal – muitas são baseadas em considerações culturais e processos cognitivos de vários tipos.

O autor adverte ainda que, no domínio da Linguística Cognitiva, a metáfora conceptual é muito poderosa e rica e deve ser compreendida a partir da interligação entre vários níveis. Sob esses aspectos, advoga que o pensamento metafórico é fundamentado sobretudo nas experiências humanas do corpo e em atividades neurológicas no cérebro. Diante disso, como as metáforas emergem do funcionamento do nosso corpo e cérebro e os seres humanos se assemelham consideravelmente nesse nível, podemos então entender que a maioria das metáforas que utilizamos seria, portanto, similar e universal.

O estudioso, ao versar sobre os aspectos universais e a variação do uso metafórico, afirma que algumas metáforas são potencialmente universais, como é o caso das metáforas primárias e, também, explica que há variações de metáforas entre diferentes culturas e dentro de uma mesma cultura. O autor destaca casos em que: o uso

¹⁴ The point is that the primary metaphors are likely to be universal, whereas the complex ones that are formed from them are much less likely to be so. Cultures greatly influence what complex conceptual metaphors emerge from the primary metaphors. (KOVECSES, 2005, p. 4)

cultural de domínios de origem diferentes para um único domínio alvo ou vice-versa, isto é, diferentes domínios de origem para conceptualização de um determinado domínio alvo; um conjunto de metáforas conceptuais comum a duas diferentes culturas, mas que, de algum modo, cada cultura indique preferência pela utilização de uma metáfora específica e, também, pode haver algumas metáforas conceptuais que parecem ser específicas de uma determinada cultura.

Conforme dito anteriormente, segundo Kovecses (2005), essa variação assume muitas formas e, numa das mais frequentes, um domínio abstrato pode ser compreendido sob diferentes formas, variando de acordo com a cultura. Isso acontece, segundo o autor, em razão de as pessoas viverem em sociedades complexas, estruturadas de várias maneiras. Somos membros de grupos que têm mais ou menos poder social; em muitas sociedades, pertencemos a diferentes grupos étnicos; vivemos em regiões geográficas que deixam a sua marca sobre os grupos de pessoas que nelas habitam; nós e muitas outras pessoas buscamos empregos semelhantes; seguimos certos costumes e convenções em situações específicas, nas quais nos comunicamos com os outros; e, naturalmente, temos nossas próprias idiossincrasias como seres humanos individuais.

Essas dimensões das complexidades da vida social e cultural, segundo o autor, são bem conhecidas por sociólogos, antropólogos e outros. Elas também são conhecidas por sociolinguistas que estudam a variação no uso da língua. Esses estudiosos apontam que as línguas revelam uma grande variação de acordo com estas e outras dimensões da sociedade. Outro princípio motivador da variação linguística seria fato de que as experiências das pessoas divididas por estas dimensões sociais também sofrem variação. Assim, se for verdadeiro que as metáforas revelam e, em alguns casos, constituem a experiência humana, devemos esperar que as metáforas variem de acordo com essas dimensões sociais, tanto no nível conceitual quanto no linguístico.

A dimensão social engloba a distinção da sociedade em homens e mulheres, jovens e velhos, classe média e classe trabalhadora. Cumpre advertir, contudo, segundo o autor, que não há estudos relevantes, na perspectiva da Linguística Cognitiva, que apontem para o uso de diferentes metáforas por esses segmentos da sociedade. Todavia, há algumas indicações de que alguns desses segmentos sociais podem produzir variação na conceituação metafórica. Kovecses (2005) sugere que um outro local óbvio para investigar a variação metafórica seriam os dialetos e as variedades individuais,

estilísticas, culturais e sociais etc., que já foram observados por sociolinguistas, antropólogos e outros pesquisadores da variação linguística em contextos sociais ou culturais.

Um exemplo citado pelo autor de um fator social que parece motivar a variação metafórica seria a dimensão homem-mulher. Esta dimensão parece operar em diferentes eventos: a forma como os homens falam sobre as mulheres, a forma como as mulheres falam sobre os homens, a forma como os homens e as mulheres falam sobre as mulheres, a forma como homens e mulheres falam sobre o mundo em geral. Segundo o autor, em países de língua inglesa, e também em outros países, é comum o uso de expressões como "coelhinho", "gatinha", "passarinho", "pintinho", "biscoito", "docinho" utilizadas pelos homens para se referirem às mulheres. Essas expressões metafóricas podem motivar certas metáforas conceituais como MULHERES SÃO (PEQUENOS) ANIMAIS PELUDOS, MULHERES SÃO AVES e MULHERES SÃO ALIMENTOS DOCES. Entretanto, quando as mulheres falam sobre os homens, elas parecem não usar essas metáforas ou elas as usam de forma mais limitada.

Além das dimensões inter e intracultural, aspectos responsáveis pela variação metafórica, Kövecses (2005) observa que as expressões linguísticas podem revelar diferenças sutis entre duas línguas nos traços culturais-ideológicos que caracterizam as diferentes culturas. As metáforas, segundo o autor, não são motivadas apenas cognitivamente, mas também culturalmente e ideologicamente. Assim, à medida que as características culturais mudam, as metáforas e a suas expressões linguísticas também podem mudar. Dessa forma, o teórico advoga que o cognitivo e o cultural são fundidos em um único complexo conceitual. Nesse sentido, conforme o autor, o que chamamos de metáforas conceituais são tanto entidades culturais como cognitivas.

A ideologia e sua relação com a metáfora também tem sido foco de interesse de pesquisas de estudiosos da área. De acordo com Dijk (2015), ideologia é um sistema básico de crenças compartilhado por vários grupos com o objetivo de representar interesses (ações, objetivos, normas, valores, relações etc.) e nortear as suas práticas político-sociais no mundo.

Nos estudos empreendidos pelo autor, são enfatizados aprioristicamente os aspectos sociais e cognitivos da ideologia bem como a sua manifestação na construção do discurso. Nessa perspectiva, ele advoga que independente de tudo que as ideologias possam representar, elas são antes de qualquer outra coisa “[...] uma espécie de crença,

ou seja, representações mentais, como é também o caso de outras formas de *cognição social*, tais como conhecimento, opiniões, atitudes, normas e valores. (DIJK, 2015, p. 54, grifo do autor)

Em *Washing the brain: metaphor and hidden ideology* (2007), Goatly ressalta a noção de ideologia apresentada por Dijk (1998) e sua onipresença em nossas vidas. Para o autor, a ideologia “É, muitas vezes, imperceptível e onipresente como o ar que respiramos. Afinal de contas, somos todos membros de uma comunidade e compartilhamos os pensamentos e linguagens que tornam possível a ação dentro dessa comunidade ou sociedade.”¹⁵ (GOATLY, 2007, p. 1, tradução nossa)

Por outro lado, apesar de onipresente em nosso pensamento, o autor afirma que algumas ideologias podem ser mais úteis que outras. Dessa maneira, uma mesma ideologia pode apresentar, de forma simultânea, efeitos úteis e prejudiciais.

Dentre os aspectos constituintes do fenômeno ideológico, podemos destacar o senso comum. Ferreira (2015, p. 62), ao refletir sobre essa abordagem, afirma:

Entendemos por senso comum uma ideia aceita como verdadeira ou válida por uma comunidade ou grupo de pessoas, sem que haja questionamento sobre ela ou, até mesmo, sem que haja consciência de que esta ideia existe, ou seja, *tudo mundo sabe disso*, é senso comum; *não há o que se questionar*, é senso comum; *todos aceitam a ideia*, é senso comum; *qual a novidade nisso?* É senso comum, é —sabido de todos ou, pelo menos, é entendido como sendo do conhecimento e aceitação de todos ou quase todos dentro de um grupo.

De acordo com Goatly (2007), as línguas que falamos apresentam categorias já prontas que são entendidas por nós como senso comum. Essas categorias, no entanto, propagam uma ideologia da qual podemos não ter consciência. Assim, acreditamos, ingenuamente, numa linguagem sobre o mundo real, quando na realidade nós temos acesso a um mundo projetado, gerado e organizado inconscientemente pela nossa mente. Ele defende, ainda, que o senso comum, transmitido culturalmente através da linguagem, traz consequências para a ideologia e, também, demonstra como ela influencia o comportamento verbal e não verbal, assim como nossa percepção do mundo.

¹⁵ It is, in fact, often as unnoticeable and ubiquitous as the air we breathe. After all, we are all members of a community and share the thoughts and language that make action within that community or society possible.

A fim de melhor explicar suas ideias, o autor utiliza a teoria do discurso formulada por Foulcault e Bourdieu. Para Foulcault (2001; 2002), o discurso não descreve uma realidade pré-existente, mas influencia na existência dessa realidade. Objetos físicos e ações existem independentemente do discurso, mas eles só adquirem significado e se tornam objetos de conhecimento dentro do discurso. Nesse sentido, quando validamos ou legitimamos como verdadeiro o conhecimento, através do discurso e da língua que falamos, ele geralmente adquire a aparência objetiva de senso comum, pois “a influência da linguagem sobre o nosso pensamento e percepção da realidade é mais poderosa quando não temos consciência dela, quando se expressa uma ideologia escondida ou, tecnicamente falando, ideologia *latente*.” (GOATLY, 2007, p. 27, grifo do autor, tradução nossa)¹⁶

Em nossas interações diárias, quando nos comunicamos, utilizamos várias metáforas convencionais de forma inconsciente, ou seja, sem nos atermos a pensar no que estamos dizendo. Não paramos para compreender a metáfora TEMPO É DINHEIRO, por exemplo, quando utilizamos expressões do tipo: “Eu *investi* muito tempo em minha dissertação”. O emprego metafórico do termo em destaque, face ao seu uso cotidiano, configura-se como algo praticamente automático e, em sua maior parte, inconsciente, como sendo do senso comum: “As metáforas convencionais, de outro lado, não desestabilizam os nossos modos de percepção ou ação em absoluto, desde que elas adquiram uma certa recorrência de forma aceitável na construção, conceptualização, e interação com a realidade.”¹⁷ (GOATLY, 2007, p. 28 tradução nossa)

O autor também explica que é bastante comum as pessoas falarem sobre uma descrição “objetiva” e “imparcial”, como se a nossa língua e os textos pudessem simplesmente refletir fielmente uma realidade pré-existente. Entretanto, adverte que na verdade não acessamos diretamente o mundo ou a realidade que nos cerca. Até mesmo no ato de percepção, interpretamos ao invés de simplesmente registrar nossas sensações acerca do mundo.

¹⁶ For the influence of language upon our thought and perception of reality is most powerful when we are unaware of it, when it expresses hidden or, technically speaking, *latent* ideology. (GOATLY, 2007, p. 27, grifo do autor)

¹⁷ Conventional metaphors, on the other hand, do not unsettle our modes of perception or action at all, since they have achieved currency as an acceptable way of constructing, conceptualising and interacting with reality. (GOATLY, 2007, p. 28)

Em seu percurso investigativo, Goatly (2007), ao estudar os efeitos ideológicos de metáforas recrutadas na língua inglesa, evidencia que as metáforas convencionais refletem ideologias que moldam nossas práticas sociais e, assim, estruturam e influenciam determinados comportamentos de ordem pessoal, social, ambiental e política.

Ferreira (2015, p. 64) elenca alguns exemplos estudados por Goatly (2007), sobre os quais discorreremos, resumidamente, no quadro a seguir:

HOMEM É MÁQUINA	Faz referência ao tratamento dado aos trabalhadores no período da Revolução Industrial em que o homem era compreendido em termos de uma máquina;
IMPORTANTE É CENTRAL	representa as diferentes partes de um país e sua população, diferenças em valor que alimenta as desigualdades;
SEXO É VIOLÊNCIA	voltada para as práticas sexuais violentas, principalmente contra as mulheres;
SER HUMANO É COMIDA	eram aplicadas a mulheres e um dos desdobramentos da metáfora SEXO É VIOLÊNCIA;
SEXO É COMER	estimula o pensamento de que a mulher deve satisfazer os apetites sexuais dos homens.

Fonte: FERREIRA (2015, p. 64)

Para Charteris-Black (2004, p. 07), a metáfora é compreendida como um recurso linguístico usado como instrumento de persuasão, utilizada na perspectiva discursiva da linguagem retórica e argumentativa. O autor sublinha a importância da metáfora por sua função persuasiva no discurso, influenciando na construção de ideologias, principalmente no campo da política e da religião: “Eu vejo a ideologia como um conceito de nível superior que incorpora dois sistemas de crença que estão ligados à prática política, bem como aqueles que estão ligados à prática religiosa.”¹⁸ (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 21)

O uso sistemático de metáforas, segundo ele, poderia camuflar uma função persuasiva subjacente cuja percepção não ocorreria de forma imediata. Diante disso, necessariamente deveríamos criar, de acordo com Charteris-Black (2004, p. 09, tradução nossa), “uma consciência de como uma função persuasiva subjacente na

¹⁸ I see ideology as a higher level concept that incorporates both systems of belief that are linked to political practice as well as those that are linked to religious practice.

escolha de determinadas palavras influenciaria nas interpretações feitas pelos receptores do texto”¹⁹.

O autor (2005) propõe uma abordagem sob a perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual e a Análise Crítica do Discurso para analisar metáforas. Com base nessa dualidade, Ferreira (2015, p. 64) afirma:

[...] ele propõe uma abordagem que analisa as metáforas com o objetivo de identificar as intenções e ideologias presentes na linguagem, que busca mostrar como as metáforas de um determinado grupo sócio-político podem ser utilizadas como instrumento de persuasão, para alcançar fins ideológicos. Essa abordagem é conhecida como Teoria Crítica da Metáfora Conceptual.

Charteris-Black (2004) adverte para a necessidade de incluir outras funções à metáfora no discurso: uma função semântica, ao prover novos significados para as palavras; uma função cognitiva, ao promover o entendimento de um dado conceito em termos de outro, conforme abordado na Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2005]), e uma função pragmática, ao refletir as intenções do falante em determinados contextos de uso. Portanto, segundo o autor, a metáfora desempenha seu papel em três dimensões: a linguística, a cognitiva e a pragmática.

Todavia, é interessante ressaltar que o autor propõe, a partir da Análise crítica da Metáfora, a integração da semântica cognitiva à pragmática, já que as características cognitivas da metáfora não dariam conta de sua função persuasiva no discurso, isto é, seu uso em contextos específicos de comunicação. Sendo assim, ele aponta que os aspectos cognitivos da metáfora não podem ser tratados isoladamente da sua função persuasiva no discurso.

Com base nos autores citados, podemos perceber que o fenômeno ideológico se faz presente em nossas vidas muitas vezes de maneira imperceptível, podendo influenciar e moldar os pensamentos e atitudes entre pessoas no mundo e, sobretudo, na comunidade discursiva em que o discurso acontece, inclusive no âmbito do discurso religioso, sobre o qual discorreremos na próxima sessão.

¹⁹ an awareness of how an underlying persuasive function in the choice of particular words influences the interpretations made by text receivers.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO *CORPUS*

Neste capítulo, discorreremos de forma breve sobre algumas noções e traços característicos do discurso religioso, do gênero homilia, do *corpus* em estudo e, ainda, sobre as considerações de ordem metodológica.

2.1 Caracterizando o discurso religioso

De acordo com Torresan (2007), o discurso religioso, em razão de sua complexidade e função social, tem sido foco de interesse de várias áreas do conhecimento.

O autor, com base nos estudos de Orlandi (1987), aborda a questão do autoritarismo no discurso religioso que, segundo ele, é uma ilusão da reversibilidade já que, nesse discurso, não ocorre a possibilidade de troca de papéis entre os interlocutores. Nas palavras do autor:

Enquanto em alguns discursos se abre a possibilidade para que haja a troca no processo comunicativo, no discurso religioso quem fala é sempre a voz de Deus por meio de seus representantes devidamente autorizados – o Papa, os padres e os pastores –, não havendo, nesse sentido, interação real com o sujeito central do discurso religioso que é Deus. (TORRESAN, 2007, p. 96)

Orlandi (1987, p. 243, grifos da autora) caracteriza o discurso religioso “*como aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – o do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus.*”

Ao versar sobre a questão de o discurso religioso ser considerado como um discurso autoritário, Silva (2015) afirma que esse fato se explica pela restrita relação estabelecida entre o enunciador e enunciatários.

A voz de Deus está acima do plano humano, o que implica o não questionamento da voz atribuída a Ele. Na esfera religiosa, dizer é uma fórmula de imposição; os fiéis obrigatoriamente concordam com a palavra de Deus transmitida pelo Seu representante: padre, pastor, freira, papa, os quais se colocam como intermediários, mensageiros do Senhor. (SILVA, 2015, p. 23)

Em seu trabalho, Leme (2003, p. 41, grifos da autora) afirma ser possível estabelecer uma distinção entre o discurso bíblico e o discurso religioso “o termo *discurso religioso* é aquele produzido por pregadores no contexto cristão, ou seja, a pregação e diferencia-se do *discurso bíblico* registrado no cânon bíblico do Cristianismo”. Assim, na religião cristã, o pregador, enquanto autoridade religiosa, é o responsável pela leitura e interpretação do texto bíblico e sua transmissão à comunidade religiosa.

Acerca da pregação, enquanto gênero do discurso, a autora aponta três características: a mensagem transmitida é compreendida pelos fiéis como vinda da parte de Deus; a pregação é preparada e organizada a partir da interpretação do texto bíblico; o discurso é respaldado na fé e na vida espiritual do pregador e em suas atitudes.

Tracy (1992) faz referência à religião cristã como a “religião do livro” por ter seus ensinamentos orientados pela compreensão dos manuscritos bíblicos. Desse modo, o discurso religioso cristão resulta do entendimento e interpretação dos textos bíblicos, as Escrituras Sagradas, que se estabelecem como a base dos ensinamentos e instruções a serem seguidas pelos membros da comunidade religiosa.

2.2 Caracterizando o gênero homilia

O gênero discursivo homilia²⁰, objeto de nossa investigação, encontra-se inserido nessa esfera discursiva, ou seja, no âmbito das práticas religiosas católicas. De acordo com Matos (2011), a homilia é parte integrante da ação litúrgica e constitui o ápice da Liturgia da Palavra. Para esse gênero, o Dicionário Michaelis *online* apresenta as seguintes definições: “sf 1 REL Pregação breve, em tom familiar, que se concentra em um tema ou texto evangélico. 2 REL Leitura e comentário de uma passagem do Evangelho, por ocasião da missa. 3 PEJ Discurso ou texto de caráter moralizante, geralmente longo e monótono.”

Quanto à origem da palavra homilia, Matos (2011, p. 66, grifos do autor) apresenta a seguinte explicação:

²⁰ De acordo com Costa e Pinto (2014), o primeiro registro documental de homilia cristã que se tem notícia ocorreu no âmbito da sinagoga de Nazaré e tem como pregador o próprio Jesus.

No grego **clássico** temos a palavra **homilos** – **multidão**, assembléia do povo – e o verbo **homileo** que significa conversar. De **homileo** adptou-se o termo homilia. Foi a partir da raiz, **homiletike**, que passamos a entender a forma de **pregação** dos **apóstolos** no primeiro século da era cristã.

Silva (2015, p. 22), com base no Concílio Ecumênico Vaticano II, afirma que a homilia se estabelece em um gênero discursivo originário do povo bíblico de Israel que “consistia em uma exposição familiar, uma ‘conversa’ e assistência entre os camponeses”. Essa prática chegou até as sinagogas a partir do surgimento do Cristianismo, sendo realizada após a leitura do texto bíblico. Com o passar do tempo, essa tradição foi se consolidando como uma pregação cristã realizada durante uma celebração litúrgica, como, por exemplo, na missa católica.

Segundo Costa e Pinto (2014), a homilia, enquanto pregação cristã, compreende duas características: a de ser pregação e a de ser pregação litúrgica. Como pregação, deve refletir acerca das características essenciais da missão pastoral da igreja, já como pregação litúrgica, deve agrupar e refletir os elementos essenciais que integram a liturgia como um todo. Cumpre informar que a homilia é de responsabilidade de quem preside a celebração: o bispo, o padre, o diácono etc.

Os autores advertem que não devemos confundir a homilia com o sermão, como ocorre em geral. Enquanto a homilia se estabelece como um gênero mais “familiar e dialogal” com objetivo de instruir, edificar; o sermão é constituído “segundo as regras retórica ou da oratória, proferido de modo solene a partir do púlpito” e diretamente ligado ao moralismo. (COSTA ; PINTO, 2014, p. 53)

Com base nos postulados bakhtinianos, os autores citados estabelecem três importantes razões para o estudo da homilia como um gênero discursivo:

- 1- por constituir, efetivamente, um enunciado relativamente estável na perspectiva litúrgica;
- 2- por ser seu objetivo final a compreensão da mensagem transmitida ao fiel celebrante;
- 3- porque se estabelece a partir das relações que ocorrem com outros enunciados, como por exemplo, os textos retirados das Escrituras Sagradas.

De acordo com Matos (2011, p. 67), tecnicamente, a homilia apresenta duas importantes funções litúrgicas: a de ser aplicação da mensagem ao cotidiano da vida humana e ser a conexão entre a liturgia da palavra e a liturgia eucarística. Desse modo,

pode ser compreendida como um prolongamento da palavra das Escrituras Sagradas de forma atualizada.

Segundo o autor, a homilia tenciona, também, estabelecer uma mudança na conduta de vida dos fiéis, uma vez que “O objetivo da homilia é atingir o coração dos fiéis, possibilitando conversão, mudança de rumo, e mostrar à assembleia o itinerário a ser percorrido.” (MATOS, 2011, p. 12)

2.3 Caracterizando o *corpus*

Os textos que constituem o *corpus* de nossa pesquisa são homilias do Papa Francisco²¹, oriundas de missas, viagens apostólicas, visitas pastorais e solenidades coletadas no site A Santa Sé (<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>). As homilias selecionadas para o *corpus* foram proferidas entre janeiro e dezembro de 2015, e perfazem um total de 65 textos. Para o levantamento dos dados, recorreremos à leitura exhaustiva dos textos, a fim de identificar os excertos onde estão presentes as expressões linguísticas atualizadoras de metáforas conceptuais, que se configuram como foco de nossa investigação.

Para seleção dos referidos dados, utilizamos, como critério, a busca de expressões linguísticas nas homilias Papais, atualizadoras de metáforas cognitivas. Desse modo, a partir de leituras atentas dos textos, elegemos como categorias de análise de nossa pesquisa os conceitos *coração*, *mistério*, *fé* e *caridade*. Tal escolha justifica-se em razão de figurarem como os termos abstratos mais recorrentes nas expressões linguísticas presentes nas homilias proferidas pelo Pontífice. Assim, diante do nosso objetivo, buscamos investigar, a partir das expressões linguísticas metafóricas, como esses conceitos são categorizados nas homilias Papais e quais metáforas foram utilizadas para categorização desses conceitos.

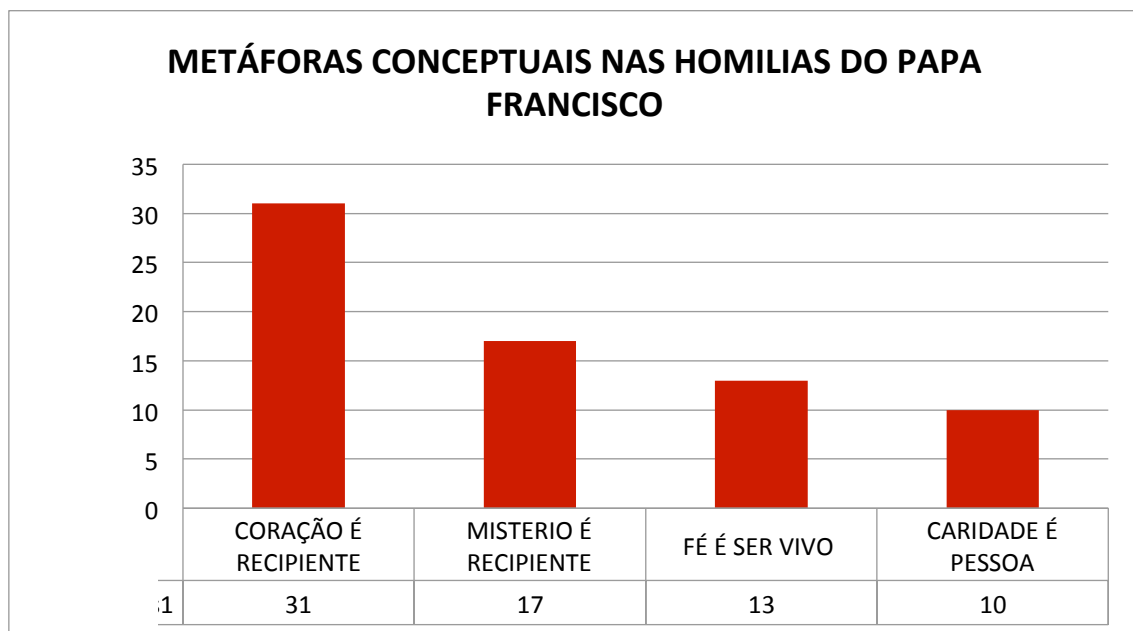
Com base nas categorias de análise acima descritas, fizemos o levantamento das expressões linguísticas metafóricas e das respectivas metáforas conceptuais subjacentes, no *corpus* em estudo. Desse modo, foi possível constatar quatro tipos de metáforas conceptuais que categorizam os conceitos supracitados, conforme demonstraremos, resumidamente, no quadro a seguir:

²¹ Segundo dados do site A Santa Sé, Jorge Mario Bergoglio, jesuíta argentino, é o primeiro americano eleito Papa.

CONCEITO	DOMÍNIO-FONTE	DOMÍNIO-ALVO	METÁFORA
CORAÇÃO	RECIPIENTE	CORAÇÃO	CORAÇÃO É RECIPIENTE
MISTÉRIO	RECIPIENTE	MISTÉRIO	MISTÉRIO É RECIPIENTE
FÉ	SER VIVO	FÉ	FÉ É SER VIVO
CARIDADE	PESSOA	CARIDADE	CARIDADE É PESSOA

A partir do quadro acima, é possível observar, além das metáforas conceptuais identificadas no *corpus*, quais domínios-fonte foram utilizados para categorização de cada conceito. São eles: *recipiente*, que foi utilizado para categorização de dois conceitos: *coração* e *mistério*, *ser vivo* e *pessoa*, utilizados para categorização dos conceitos *fé* e *caridade*, respectivamente.

Para melhor visualização dos resultados, apresentaremos a seguir um gráfico com as metáforas conceptuais levantadas a partir das homilias Papais investigadas, seguidas da quantidade de ocorrências de expressões linguísticas metafóricas, descritas pela ordem do número de ocorrências.



Conforme observamos no gráfico, das 65 homilias Papais investigadas, a metáfora atualizada com o maior número de expressões linguísticas foi CORAÇÃO É

RECIPIENTE. Portanto, ao submeter os textos integrantes do *corpus* a um tratamento quantitativo, depreendemos que essa foi a metáfora predominante.

2.4 Metodologia de análise

A metodologia utilizada para análise dos dados é de natureza qualitativa, uma vez que o foco principal de nossa pesquisa foi a análise interpretativista dos dados, obtidas à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, que nos permitiu identificar as expressões linguísticas metafóricas e, por conseguinte, as metáforas que as subjazem. Por outro lado, os dados também interagem dinamicamente com a metodologia quantitativa, pois embora nossa finalidade não seja submeter os dados coletados a uma apreciação estatística, essa pesquisa também consistiu de um tratamento quantitativo dos dados, uma vez que o número de expressões linguísticas atualizadoras oriundas do *corpus* em questão revelou as metáforas mais recorrentes circunscritas nas homilias do Papa Francisco.

Assim, para efeitos de estudo neste trabalho, não nos propomos a analisar todas as ocorrências de expressões linguísticas metafóricas presentes nos textos, mas a conceptualização metafórica dos termos mais recorrentes. Nesse sentido, buscamos respostas para as seguintes questões norteadoras de pesquisa: a) Quais as metáforas utilizadas para categorizar os conceitos *coração*, *mistério*, *fé* e *caridade*? b) Que valores culturais/ideológicos essas categorizações metafóricas revelam?

No decorrer de nossa investigação, passamos por três etapas: leitura bibliográfica, seleção e coleta dos dados, e análise/discussão interpretativista das expressões linguísticas metafóricas.

Assim, para descrição/identificação de metáforas conceptuais, foi fundamental a leitura da Teoria da Metáfora Conceptual. Uma vez identificadas as expressões metafóricas e as respectivas metáforas subjacentes, passou-se aos desdobramentos das etapas posteriores, análise/interpretação, respaldadas na interface entre metáfora, cultura e ideologia.

Ainda no que se refere à descrição/identificação das expressões linguísticas metafóricas presentes nos textos que integraram o *corpus* em estudo, cumpre informar, também, que estivemos ancorados no procedimento metodológico proposto por

Sardinha (2007, p. 140), *método leitura*, para quem “Este método consiste em encontrar metáfora pela leitura de materiais escritos.”

A técnica utilizada consistiu de leituras atentas dos textos (homílias), observando as ocorrências consideradas metafóricas. Assim, através de exaustivas leituras dos textos, identificamos os recortes textuais onde apareceram expressões linguísticas metafóricas.

A fim facilitar a leitura dos dados, destacamos em negrito o fragmento da expressão que atualiza a metáfora conceptual constitutiva do *corpus*. Cumpre informar, ainda, que as metáforas conceptuais foram apresentadas em letras maiúsculas, conforme convenção proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e subsequente a cada recorte textual, encontra-se o nome do local, seguido do dia, mês e ano em que foi proferida a homilia Papal.

No próximo capítulo, apresentaremos uma análise discursiva dos dados, as metáforas conceptuais identificadas no *corpus*, a partir dos conceitos eleitos como categorias de análise, seguidas das respectivas expressões linguísticas atualizadoras.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, teceremos uma discussão dos dados a partir das teorias apresentadas em nossos referenciais teóricos como base para as análises. Conforme adiantamos em nossa introdução, as categorias privilegiadas em nossas análises foram: *coração*, *mistério*, *fé* e *caridade*. Por fim, descreveremos as metáforas conceptuais levantadas nas homilias investigadas e as respectivas expressões linguísticas atualizadoras.

Antes de partirmos para nossas análises propriamente ditas, é importante esclarecermos algumas questões teóricas tomadas para identificar as metáforas conceptuais utilizadas pelo Papa Francisco na categorização dos conceitos supracitados.

De acordo com Cameron (2003, p. 2, tradução nossa), “entender como a metáfora é usada pode nos ajudar a compreender melhor como as pessoas pensam, como produzem sentido com o mundo e com os outros, e como elas se comunicam.”²² Assim, interessa analisar o papel dos conceitos acima referenciados no discurso religioso, em especial no gênero homilia, objeto de nossa investigação.

Para identificar as expressões metafóricas que constituem o *corpus*, consideramos o fenômeno da *incongruência* que consiste numa incompatibilidade em termos de mapeamento de aspectos entre um domínio (fonte) em outro domínio (alvo). Segundo Cameron (2003, p. 4), esse critério ocorre entre o conteúdo do contexto discursivo e o conteúdo da expressão linguística que, segundo a autora, é o que sinaliza possivelmente a presença do fenômeno metafórico: “A incongruência entre o conteúdo do contexto discursivo e o conteúdo do item é o que sinaliza a possível presença de metáfora.”²³

Dentre os exemplos apresentados pela autora para ilustrar a ocorrência desse processo, destacamos o contexto em que, numa aula de matemática, o professor, ao dar um *feedback* a um aluno que o respondeu de forma incompleta, disse-lhe: “Você está *no caminho certo*”.²⁴ A autora explica que a utilização da expressão *no caminho certo* é incongruente, pois não se trata de uma caminhada, e sim de uma lição de matemática.

²² Understanding how metaphor is used may help us understand better how people think, how they make sense of the world and each other, and how they communicate.

²³ The incongruity between the content of the discourse context and the content of the item signals the possible presence of metaphor.

²⁴ You're on the right track.

Para Cameron (2003), a incongruência existe porque podemos encontrar outras formas de interpretar uma palavra ou frase que contrasta com a interpretação apropriada ao contexto discursivo.

Ainda versando sobre a identificação da presença de metáforas, a autora, com base em Kittay (1987), cita ainda outra possibilidade para identificar a presença de metáforas: “Um outro requisito para a presença de metáforas é que algumas resoluções podem ser encontradas por esta incongruência que faz sentido a partir ‘duplo conteúdo semântico’.”²⁵ (KITTAY, 1987, apud CAMERON, 2003, p. 4)

Tendo em mente o fenômeno da incongruência semântica para identificar uma metáfora conceptual, consideramos esse critério para identificar as expressões linguísticas licenciadas pelas metáforas descritas em nossas análises.

Iniciaremos nossas análises apresentando, de acordo com cada conceito, as metáforas conceptuais que foram identificadas a partir das expressões linguísticas metafóricas encontradas nas homilias do Papa Francisco. A disposição apresentada segue a ordem do maior número de expressões linguísticas atualizadoras na conceptualização dos conceitos em estudo.

Apresentaremos, nesse primeiro momento de nossas análises, a conceptualização de um dos conceitos amplamente citados no contexto bíblico revelado em homilias do Papa Francisco. Ao analisarmos o conceito *coração*, constatamos que ele é compreendido metaforicamente como um recipiente.

Conceito 01 - *coração*

CORAÇÃO É RECIPIENTE
Podeis fazê-lo, por exemplo, com esta oração simples: «Vinde, Espírito Santo, enchei o coração dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor!». (Capela Sistina, domingo, 11 de janeiro de 2015)
Na primeira leitura de hoje, São Paulo diz-nos que o amor que somos chamados a anunciar é um amor reconciliador, que jorra do coração do Salvador crucificado. (Catedral da Imaculada Conceição, Manila Sexta-feira, 16 de janeiro de 2015)

²⁵ A further requirement for the presence of metaphor is that some resolution can be found to this incongruity that makes sense of this 'double semantic content'.

Jesus conhece tudo o que está dentro do nosso coração: nós não podemos enganar Jesus. (Bairro Tor Bella Monaca III Domingo de Quaresma, 8 de março de 2015)
Hoje, far-nos-á bem entrar no nosso coração e olhar para Jesus. (Bairro Tor Bella Monaca III Domingo de Quaresma, 8 de março de 2015)
Abri o coração à misericórdia de Jesus! Dizei: «Jesus, olha quanta sujidade! (Bairro Tor Bella Monaca III Domingo de Quaresma, 8 de março de 2015)
No silêncio, abriu-lhe o seu coração; na dor, mostrou-lhe o arrependimento pelos seus pecados; com o seu choro, apelou-se à sua bondade divina para receber o perdão. (Basílica Vaticana Sexta-feira, 13 de março de 2015)
Desde já confiamos este Ano à Mãe da Misericórdia, para que dirija para nós o seu olhar e vele sobre o nosso caminho: o nosso caminho penitencial, o nosso caminho com o coração aberto, durante um ano, para receber a indulgência de Deus, para receber a misericórdia de Deus. (Basílica Vaticana Sexta-feira, 13 de março de 2015)
Se tivermos o coração aberto, estas emoções e tanto carinho cansam o coração do pastor. (Basílica Vaticana Quinta-feira Santa, 2 de abril de 2015)
Hoje, queridos fiéis arménios, recordamos – com o coração trespassado pela dor, mas repleto da esperança no Senhor Ressuscitado – o centenário daquele trágico acontecimento, daquele enorme e louco extermínio que cruelmente sofreram os vossos antepassados. (Basílica de São Pedro II Domingo de Páscoa (ou da Divina Misericórdia), 12 de abril de 2015)
E este seja o alimento do Povo de Deus; que as vossas homilias não sejam tediosas; que as vossas homilias cheguem precisamente ao coração das pessoas, porque saem do vosso coração, porque quanto lhes dizeis é aquilo que vós mesmos tendes no coração. (Basílica Vaticana IV Domingo de Páscoa, 26 de abril de 2015)_
Sabemos que antes de partir para a Califórnia quis ir recomendar a sua vida a Nossa Senhora de Guadalupe, e pedir-lhe, para a missão que estava para empreender, a

graça de abrir o coração dos colonizadores e dos indígenas. (Celebração Eucarística no Pontifício Colégio Norte-Americano Sábado, 2 de maio de 2015)
Quando entramos no nosso coração, encontramos coisas erradas, que não estão certas, como Jesus encontrou no Templo aquela imundície do comércio, dos negociantes. (Basílica Vaticana, III Domingo de Quaresma, 8 de março de 2015)
Tinham o coração cheio de angústia e perguntavam-se: «Como faremos para entrar? (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
A nós, é impossível; só Deus pode preencher estes vazios que o mal abre nos nossos corações e na nossa história. É Jesus, feito homem e morto na cruz, que preenche o abismo do pecado com o abismo da sua misericórdia. (Basílica de São Pedro II, domingo de Páscoa (ou da Divina Misericórdia), 12 de abril de 2015)
A salvação pode entrar no coração quando nós abrimos à verdade e reconhecemos os nossos erros, os nossos pecados; então façamos experiência, a boa experiência d'Aquele que veio não para os sadios, mas para os doentes, não para os justos, mas para os pecadores (cf. Mt 9, 12-13) (Praça Vittorio Domingo, 21 de junho de 2015)
Mas Ele está ao nosso lado com a mão estendida e o coração aberto. (Praça Vittorio Domingo, 21 de junho de 2015)
Os discípulos têm medo porque se apercebem que não vão conseguir, mas Ele abre-lhes o coração à coragem da fé. (Praça Vittorio, domingo, 21 de junho de 2015)
Maria, rezai, actuai, abri o coração porque o melhor dos vinhos vai chegar. (Parque dos Samanes, Guayaquil, Equador Segunda-feira, 6 de julho de 2015)
Não a partir de palavras altissonantes, nem com termos complicados, mas que nasça da «alegria do Evangelho», que «enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. (Quito, Equador Terça-feira, 7 de julho de 2015)
A Igreja é uma mãe de coração aberto que sabe acolher, receber, especialmente a quem precisa de maior cuidado, que está em maior dificuldade. (Campo Grande de Ñu Guazú, Assunção (Paraguai) domingo 12 de julho de 2015)
Jesus não insiste com a pergunta, não os obriga a dizer-Lhe o assunto de que falavam

pelo caminho; e todavia a pergunta permanece , não só na mente, mas também no coração dos discípulos . (Praça da Revolução, Havana, domingo, 20 de setembro de 2015)
Somos convidados a «sair de casa», a ter os olhos e o coração abertos aos outros . (Basílica Menor do Santuário da Virgem da Caridade do Cobre, Santiago de Cuba Terça-feira, 22 de setembro de 2015)
Hoje vive-se o paradoxo dum mundo globalizado onde vemos tantas habitações de luxo e arranha-céus, mas o calor da casa e da família é cada vez menor; muitos projectos ambiciosos, mas pouco tempo para viver aquilo que foi realizado; muitos meios sofisticados de diversão, mas há um vazio cada vez mais profundo no coração ; tantos prazeres, mas pouco amor; tanta liberdade, mas pouca autonomia. (Basílica Vaticana XXVII Domingo do Tempo Comum, 4 de outubro de 2015)
A misericórdia do Pai recebe sempre, há sempre lugar no seu coração , nunca afasta ninguém. (Basílica Vaticana XXX Domingo do Tempo Comum, 25 de outubro de 2015)
É a única forma de abrir o seu coração à escuta de Deus . (Estádio Municipal Artemio Franchi, Florença, terça-feira, 10 de novembro de 2015)
Está-se no seu grupo, mas perde-se a abertura do coração , perdem-se a admiração, a gratidão e o entusiasmo e corre-se o risco de tornar-se «consuetudinários da graça». (Basílica Vaticana XXX Domingo do Tempo Comum, 25 de outubro de 2015)
No Evangelho de hoje, Jesus dirige duas perguntas aos seus discípulos. A primeira: «Para o povo, quem é o Filho do Homem?» (Mt 16, 13), é uma interrogação que demonstra como o coração e o olhar de Jesus estão abertos a todos . (Estádio Municipal Artemio Franchi, Florença Terça-feira, 10 de novembro de 2015)
Com a sua ternura, o Senhor abre-nos o seu Coração , oferece-nos o seu amor. (Basílica Vaticana, sábado, 12 de dezembro de 2015)
Porém, a vinda do Senhor deve encher o nosso coração de alegria . (Domingo, 13 de dezembro de 2015 III Domingo de Advento)
O profeta, que traz inscrito no seu próprio nome — Sofonias — o conteúdo do seu anúncio, abre o nosso coração à confiança : «Deus protege» o seu povo.

(Domingo, 13 de dezembro de 2015 III Domingo de Advento)
Por isso hoje ao abrir esta Porta Santa, espero que o Espírito Santo abra o coração de todos os romanos e faça com que eles vejam qual é o caminho da salvação! (Albergue da Cáritas, Via Marsala, Roma Sexta-feira, 18 de dezembro de 2015)
Primeiro, que o Senhor abra a porta do nosso coração , a todos. (Albergue da Cáritas, Via Marsala, Roma Sexta-feira, 18 de dezembro de 2015)
O nosso coração já estava cheio de alegria vislumbrando este momento; mas, agora, aquele sentimento multiplica-se e sobreabunda, porque a promessa se cumpriu: finalmente realizou-se. (Basílica Vaticana Quinta-feira, 24 de dezembro de 2015)
É bom abrir sempre o coração uns aos outros , sem nada esconder. (Basílica Vaticana Domingo, 27 de dezembro de 2015 Sagrada Família de Jesus, Maria e José)

Para Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a compreensão de nossas experiências em termos de objetos e substâncias possibilita-nos tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme. Assim, nos recortes supracitados, o conceito *coração* é categorizado como um recipiente que pode estar *cheio*: “**enchei o coração**”, “**jorra do coração**”, “**com o coração repleto da esperança no Senhor**”, “**cheio de angústia**”, *aberto*: “**Abri o coração**”, “**abriu-lhe o seu coração**”, “**com o coração aberto**”, “**coração aberto**”, “**abre-lhes o coração**”, “**coração aberto**”, “**abra a porta do nosso coração**”, *vazio*: “**preencher estes vazios que o mal abre nos nossos corações**”, onde as pessoas (ou sentimentos) podem *entrar*: “**Quando entramos no nosso coração**”, “**A salvação pode entrar no coração**”, “**entrar no nosso coração**”, “**dentro do nosso coração**”, *sair*: “**saem do vosso coração**”. Desse modo, temos a atualização da metáfora ontológica CORAÇÃO É RECIPIENTE, que exhibe uma recorrência expressiva com relação às expressões linguísticas que compuseram as homílias investigadas.

Feltes (2007), com base nos princípios lakoffianos, afirma que o esquema de imagem CONTAINER é estruturado de acordo com os elementos INTERIOR-FRONTEIRA-EXTERIOR e que a compreensão do nosso corpo como um

CONTAINER (recipiente) serve, cognitivamente, como base estruturante para outros conceitos, neste caso, *coração*, mapeado como contêiner.

Cumprir informar que, nas ocorrências metafóricas em tela, o termo *coração* é utilizado não no seu aspecto físico, órgão vital do corpo humano, mas no sentido abstrato, como parte emocional/sentimental de uma pessoa.

Nesse sentido, nos excertos sob análise, o homilista estabelece limites internos no *coração* a que seres ou coisas, situadas no domínio de elementos mais abstratos, possam adentrá-lo: “**Espírito Santo**”, “**amor**”, “**misericórdia**”, “**indulgência**”, “**esperança**”, “**homilias**”, “**coisas erradas**”, “**angústia**”, “**Deus**”, “**salvação**”, “**coragem**”. Assim, ao experienciarmos metaforicamente o *coração* como um recipiente, não mapeamos apenas os elementos estruturais INTERIOR-FRONTEIRA-EXTERIOR, conforme mencionado anteriormente, mas a inferência de que algo pode estar situado dentro ou fora dos limites desse contêiner, estabelecendo, portanto, a categorização de um recipiente que pode estar *cheio/vazio*, *aberto/fechado*.

Por outro lado, tal entendimento revela valores ideológicos a serem seguidos pela comunidade religiosa, assim, *dentro/fora* do coração demarcam a seguinte orientação: o que é bom deve estar situado *dentro* do coração, ou seja, no espaço interior desse contêiner, e o que é ruim *fora* dele, ou seja, externo ao coração. Com base nesse mapeamento, a demarcação *dentro/fora* do *coração* repercute, também, a metáfora orientacional correlata BOM É DENTRO (DO CORAÇÃO)/RUIM É FORA (DO CORAÇÃO).

Nessa perspectiva, o Papa postula que devemos *guardar/preservar* os bons conteúdos dentro do coração e lançar para fora os maus, ou seja, as coisas ou sentimentos ruins devem ser situados fora dos limites desse contêiner. Essa demarcação espacial estabelecida pelo homilista, expressa uma ideologia que se configura como um preceito para comunidade religiosa e a metáfora orientacional correlata BOM É DENTRO (DO CORAÇÃO)/RUIM É FORA (DO CORAÇÃO) repercute essa postura ideológica.

Conforme expusemos em nossos referenciais teóricos, para Goatly (2007), a ideologia é, muitas vezes, imperceptível, afinal, compartilhamos pensamentos e linguagens dentro de uma mesma comunidade que tornam possível agir dentro dela. Assim, acreditamos, também, que a metáfora orientacional supracitada, quando transmitida aos fiéis através de expressões linguísticas, transporta uma ideologia da qual

não temos consciência, mas que tem o poder de influenciar o comportamento e ações dos fiéis da comunidade religiosa.

Ainda conforme Goatly (2007), as metáforas constroem e propagam ideologias, reproduzem certos comportamentos entre as pessoas numa sociedade. Em muitos casos, são veiculadas como senso comum, ou seja, entendidas como sendo do conhecimento e aceitação de todos ou quase todos de uma comunidade. É o que acontece com a metáfora em questão, ouvir/reproduzir em nosso cotidiano que os bons conteúdos devem ser situados dentro do coração e os ruins fora dele parece não suscitar nenhum questionamento.

No que se refere ao contexto bíblico, a palavra *coração* é amplamente utilizada para descrever, metaforicamente, várias ações, sentimentos e emoções, como no exemplo²⁶: “Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez.” (Bíblia, Marcos 7:21-23)

Podemos observar, de acordo com esse fragmento da Bíblia Sagrada, que no contexto religioso, o termo *coração* se configura como uma fonte que abarca várias ações, sentimentos e emoções humanas, conforme explicitado nas passagens sob análise, em que a metaforização é realizada a partir de limites circunscritos ao domínio experiencial RECIPIENTE.

Nesse viés interpretativo, entendemos que a construção do discurso do Papa Francisco nas homilias parece ter relações imbricadas com essas questões exibidas na esfera religiosa, uma vez que a metáfora utilizada CORAÇÃO É RECIPIENTE reflete valores ideológicos a serem seguidos pela comunidade religiosa, conforme mostram os excertos apresentados. Dessa forma, acreditamos que as questões ideológicas que estão na base da metáfora supracitada estão em conformidade com os pressupostos de Goatly (2007), que entende ideologia como representações sociais compartilhadas por membros de um grupo, como já exposto por nós em nossos referenciais teóricos. Também verificamos que se trata de uma metáfora convencional, já que exerce grande influência

²⁶ Cumpre informar que fizemos uma pesquisa online no site: <http://www.bibliaonline.net/?lang=pt-BR>, onde encontramos um grande número de ocorrências que tratam metaforicamente o termo em questão, conforme o exemplo apresentado.

no agir cristão dos fiéis, expressando uma ideologia implícita, conforme advoga Goatly (2007).

Desse modo, a partir da metáfora em estudo podemos esquematizar o seguinte mapeamento:

Metáfora: CORAÇÃO É RECIPIENTE

Domínio-fonte: RECIPIENTE

Domínio-alvo: CORAÇÃO

Mapeamentos:

coração → recipiente (contêiner)

Conteúdo do recipiente → Espírito Santo, amor, misericórdia, indulgência, misericórdia, esperança, homilias, coisas erradas, angústia, Deus, salvação, coragem.

Logo, o fiel depreende que:

BOM É DENTRO (DO CORAÇÃO)

RUIM É FORA (DO CORAÇÃO)

O conceito *mistério*, segundo mais recorrente, também é categorizado, a partir de metáforas conceptuais nas homilias. Neste momento, faremos uma análise sobre a conceptualização de um conceito que, no âmbito religioso, configura-se como um plano salvífico de Deus.

Antes de iniciarmos nossas análises, cumpre esclarecer algumas noções preliminares dessa categoria de análise na perspectiva religiosa, ou seja, elucidar alguns aspectos teológicos acerca do conceito *mistério*, que, de modo algum, pretende se tornar uma discussão exaustiva.

De acordo com o Dicionário de Liturgia, a palavra *mistério* “Na linguagem cristã significa a celebração cultural de um acontecimento salvífico, por meio da qual os fiéis entram em comunhão sacramental com os acontecimentos passados abrindo-se à graça libertadora e transformadora.” (DOTRO; HELDER, 2006, p. 109)

Segundo Matos (2011, p.18), a palavra *mistério*, na esfera religiosa, não denota o sentido vulgar de “coisa oculta”, “enigma”, mas sim “uma ordenação ou disposição temporal da salvação”. Com base na doutrina paulina, o autor resume o termo com a afirmação de que “mistério é a vontade salvífica de Deus.”

Nas palavras do autor: “A palavra MISTÉRIO tem nessa expressão não sentido vulgar de “coisa oculta”, “enigma”, mas sim o sentido corrente nos escritos de São Paulo, de realidade que nos supera, mas que é objeto de uma revelação progressiva.” (MATOS, 2011, p. 18, grifos do autor)

Em se tratando de seu sentido filosófico, segundo o autor, falar de *mistério* não significa tratar de algo por si só negativo, obscuro, mas falar de algo que significa luz de tal forma que ultrapassa os limites do conhecimento e linguagem humana. Nessa perspectiva, significa “penetrar naquilo que não se pode abarcar com a vista: o espaço – ilimitado em largura e profundidade – a Criação.” (MATOS, 2011, p. 22)

O estudioso, resumidamente, estabelece os seguintes conceitos para o termo em questão: “plano salvífico, ação salvífica, ações histórico-salvíficas de Cristo, celebração memorial de tais ações, símbolo (*typos*), ritos do Antigo Testamento e do Novo Testamento, conteúdo de fé e doutrina que transmite tal conteúdo, santa obrigação.” (MATOS, 2011, p. 28)

Feitas as considerações necessárias para compreendermos as especificidades do mapeamento da metáfora conceptual MISTÉRIO É RECIPIENTE, passemos às análises propriamente ditas.

Conceito 02 – *mistério*

MISTÉRIO É RECIPIENTE
Aquela estrela que os acompanhou no caminho, fá-los entrar no mistério . Basílica Vaticana, terça-feira, 6 de janeiro de 2015
Os Magos entraram no mistério . Basílica Vaticana, terça-feira, 6 de janeiro de 2015
Que possamos entrar no mistério . Basílica Vaticana Terça-feira, 6 de janeiro de 2015
Temos de reconhecer que, para se chegar à profundidade do mistério de Deus , precisamos uns dos outros, encontrando-nos e confrontando-nos sob a guia do Espírito Santo, que harmoniza as diversidades e supera os conflitos, reconcilia as diversidades. (Basílica de São Paulo Extra-muros, domingo, 25 de janeiro de 2015)

Realmente é para isto que estamos aqui: para entrar, entrar no Mistério que Deus realizou com a sua vigília de amor. (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
Não se pode viver a Páscoa, sem entrar no mistério. (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
«Entrar no mistério» significa capacidade de estupefacção, de contemplação; capacidade de escutar o silêncio e ouvir o sussurro de um fio de silêncio sonoro em que Deus nos fala (cf. 1 <i>Re</i> 19, 12). (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
Sem adorar, não se pode entrar no mistério. (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
Convida-nos sobretudo a entrar no mistério destas chagas, que é o mistério do seu amor misericordioso. Basílica de São Pedro II Domingo de Páscoa (ou da Divina Misericórdia), 12 de Abril de 2015
Entrar no mistério requer de nós que não tenhamos medo da realidade: não nos fechemos em nós mesmos, não fujamos perante aquilo que não entendemos, não fechemos os olhos diante dos problemas, não os neguemos, não eliminemos as questões... (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
Entrar no mistério significa ir além da comodidade das próprias seguranças, além da preguiça e da indiferença que nos paralisam, e pôr-se à procura da verdade, da beleza e do amor, buscar um sentido não óbvio, uma resposta não banal para as questões que põem em crise a nossa fé, a nossa lealdade e nossa razão. (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
Para entrar no mistério, é preciso humildade, a humildade de rebaixar-se, de descer do pedestal do meu eu tão orgulhoso, da nossa presunção; a humildade de se reajustar, reconhecendo o que realmente somos: criaturas, com valores e defeitos, pecadores necessitados de perdão. (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
Para entrar no mistério, é preciso este abaixamento que é impotência, esvaziamento das próprias idolatrias, adoração. (Basílica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)

Saíram e encontraram o sepulcro aberto. E entraram. Vigiaram, saíram e entraram no Mistério. (Basilica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
Aprendamos com elas a vigiar com Deus e com Maria, nossa Mãe, para entrar no Mistério que nos faz passar da morte à vida. (Basilica Vaticana, sábado Santo, 4 de abril de 2015)
Preservar e anunciar a recta fé em Jesus Cristo é o cerne da nossa identidade cristã, porque só no reconhecimento do mistério do Filho de Deus feito homem nós poderemos penetrar no mistério de Deus e no mistério do homem. (Estádio Municipal Artemio Franchi, Florença, terça-feira, 10 de novembro de 2015)
É a verdade que não podemos tocar nem abraçar sem, como diz São Paulo, entrar no mistério de Jesus Cristo , e sem fazer nossos os seus próprios sentimentos (cf. Fl 2, 5). (Terça-feira, 10 de novembro de 2015)

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), ao identificarmos nossas experiências com entidades ou substâncias, podemos referir-nos a elas, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las e, também, raciocinar sobre elas. Sendo assim, os exemplos sob análise evidenciam a categorização do conceito *mistério* como um recipiente onde pessoas podem *entrar*. Na maioria das ocorrências, essa metáfora é atualizada pelo uso da expressão: “*entrar no mistério*”, que atualiza a metáfora conceptual MISTÉRIO É RECIPIENTE.

Os autores também afirmam que, mesmo quando não há um limite físico naturalmente demarcado que permita definir visualmente um recipiente, nós estabelecemos as fronteiras de forma a demarcar um espaço constituído por um interior e uma superfície delimitada. Como o conceito *mistério*, no contexto religioso, não existe de forma concreta, não dispõe de uma demarcação natural física, são mapeados alguns aspectos como: *espaços, limites, contornos físicos*, de um conceito concreto, neste caso, *recipiente*, para que seja assim por nós entendido.

De acordo com Feltes (2007, p. 130), os modelos de esquema de imagens estabelecem uma estrutura à experiência do espaço e são responsáveis pela estruturação dos modelos cognitivos mais complexos. Sendo assim, constatamos que a metáfora

ontológica MISTÉRIO É RECIPIENTE é conceptualizada estruturalmente pelo esquema de imagem contêiner, uma vez que seu uso tem como propriedade impor uma estrutura à experiência do espaço. Tal estrutura, como afirma a autora, consiste dos elementos estruturais INTERIOR-FRONTEIRA-EXTERIOR e, como nosso corpo é composto por essa noção de estrutura, ou seja, experienciado como um contêiner, podemos utilizar essa experiência para estruturar, cognitivamente, outras coisas. É o que acontece quando categorizamos o conceito em questão.

Através das expressões utilizadas, observamos que, ao experienciar metaforicamente o conceito *mistério* como um recipiente, o homilista estabelece limites espaciais, ou seja, um objeto com um lado de dentro e um lado de fora em que pessoas (fiéis) podem estar situadas *dentro* ou *fora* dos limites desse recipiente. Também observamos a recorrência da expressão *entrar no mistério* na grande maioria das ocorrências analisadas. A categorização do conceito *mistério*, a partir desse uso, é de um recipiente onde os fiéis devem *entrar* e permanecer situados no seu interior, pois, conforme exposto anteriormente, na perspectiva religiosa, esse conceito significa uma ordenação, um plano divino através do qual os fiéis são libertados da morte (espiritual) e reconduzidos à vida. Em decorrência disso, apreendemos que, permanecer no espaço interior do recipiente é uma condição para os fiéis cumprirem o plano divino de salvação.

Nessa perspectiva, sugerimos que a metáfora ontológica MISTÉRIO É RECIPIENTE tenha sido usada nas homilias Papais para transmitir instruções que devem ser seguidas por todos os fiéis a fim de que alcancem a salvação. As instruções religiosas suscitadas pelo Papa, nos excertos sob análise, são metaforicamente construídas a partir de preceitos por meio dos quais, para *entrar no mistério*, o fiel deve: **“viver a Páscoa”, “não tenhamos medo da realidade”, “ir além da comodidade das próprias seguranças”, “além da preguiça e da indiferença que nos paralisam”, “pôr-se à procura da verdade, da beleza e do amor”, “buscar um sentido não óbvio”, “é preciso humildade”, “descer do pedestal do meu eu tão orgulhoso”, “é preciso este abaixamento que é impotência”, “esvaziamento das próprias idolatrias”, “adoração”, “vigiar com Deus e com Maria”, “reconhecimento do mistério do Filho de Deus”, “tocar”, “abraçar”, “fazer nossos os seus próprios sentimentos”**. Desse modo, propomos que a aquisição da salvação é condicional, sem o cumprimento desses preceitos o fiel não a obtém.

Atente-se que, conforme expusemos anteriormente, a palavra *mistério* expressa “uma ordenação ou disposição temporal da salvação”, sendo assim, não seguir essas condições implica estar situado *fora* dos limites internos do recipiente e, conseqüentemente, não cumprir “vontade salvífica de Deus”. Essas questões sugerem, portanto, que nem todos os fiéis alcançarão a salvação, somente aqueles que entrarem no *mistério* através do cumprimento de preceitos.

Por outro lado, acreditamos que a conceptualização do conceito em estudo nas homilias Papais revela questões ideológicas que parecem se opor a outras ideologias cristãs, a exemplo de algumas correntes protestantes²⁷ como: Batista, Presbiteriana, Congregacional. Nessas doutrinas cristãs, a condição para o fiel obter a salvação é a conversão que dele requer confissão e arrependimento. Sendo assim, o cumprimento das práticas religiosas ocorre depois que o fiel recebe a graça da salvação através da fé, ou seja, é uma consequência dela.

Cumpra observar, ainda, que a utilização da metáfora MISTÉRIO É RECIPIENTE pelo pontífice, revela que se trata de uma metáfora convencional para categorização do conceito *mistério* no âmbito religioso e, por isso, exerce grande influência no comportamento e ações dos fiéis da comunidade religiosa.

Sendo assim, esses preceitos parecem confirmar a motivação ideológica da metáfora supracitada e, também, a tese defendida por Goatly (2007) de que as metáforas convencionais refletem ideologias que moldam nossas práticas sociais e influenciam, estruturalmente, certos comportamentos de ordem pessoal, social, ambiental e política.

Como fechamento de nossas análises, a partir dos elementos estruturais INTERIOR-FRONTEIRA-EXTERIOR do esquema de imagem contêiner temos a metáfora ontológica MISTÉRIO É RECIPIENTE, que apresenta o seguinte mapeamento:

Metáfora: MISTÉRIO É RECIPIENTE

Domínio-fonte: RECIPIENTE

Domínio-alvo: MISTÉRIO

Mapeamentos:

Mistério → recipiente (contêiner)

²⁷ Cumpra informar que essas afirmações são oriundas de esclarecimentos concedidos pelos próprios membros participantes dessas comunidades religiosas.

Entrar no mistério → cumprir o “plano salvífico de Deus”

Conteúdo do recipiente → pessoas (os fiéis)

Prosseguimos nossas análises pelo conceito *fé*, virtude teologal que faz referência direta a Deus, pela qual o fiel crê Nele e deve dar testemunho.

Conceito 03 – *fé*

FÉ É SER VIVO
Na realidade, a cultura filipina foi plasmada pela criatividade da fé . (Catedral da Imaculada Conceição, Manila, sexta-feira, 16 de janeiro de 2015)
Mas, contemplemos o futuro com os olhos da fé . (Tacloban International Airport, Filipinas, Sábado, 17 de janeiro de 2015)
Isto é evangelizar, esta é a nossa revolução – porque a nossa fé é sempre revolucionária – este é o nosso grito mais profundo e constante. (Quito, Equador, terça-feira, 7 de julho de 2015)
Por isso A amamos tanto, encontrando n’Ela uma verdadeira Mãe que nos ajuda a manter viva a fé e a esperança no meio das situações mais complicadas. (Praça do Santuário Mariano de Caacupé, Assunção, Paraguai, sábado, 11 de julho de 2015)
Uma fé que se fez vida , uma vida que se fez esperança e uma esperança que vos leva a «primeirizar» na caridade. (Praça do Santuário Mariano de Caacupé, Assunção, Paraguai, sábado, 11 de julho de 2015)
Os discípulos têm medo porque se apercebem que não vão conseguir, mas Ele abre-lhes o coração à coragem da fé . (Praça Vittorio Domingo, 21 de junho de 2015)
Para elas, a abertura de Jesus à fé honesta e sincera de muitas pessoas , que não faziam parte do povo eleito de Deus, parecia intolerável. (Parque Benjamin Franklin, Filadélfia, domingo, 27 de setembro de 2015)
Por isso, as nossas famílias, as nossas casas são autênticas igrejas domésticas: são o

lugar ideal onde a fé se torna vida e a vida cresce na fé. Parque Benjamin Franklin, Filadélfia, domingo, 27 de setembro de 2015
Uma fé que não sabe radicar-se na vida das pessoas, permanece árida e, em vez de oásis, cria outros desertos. (Basilica Vaticana XXX, domingo do Tempo Comum, 25 de outubro de 2015)
Para nosso próprio bem e para bem da sociedade, a nossa fé na Palavra de Deus chama-nos a sustentar a missão das famílias na sociedade, a acolher as crianças como uma bênção para o nosso mundo, e a defender a dignidade de cada homem e mulher, pois somos todos irmãos e irmãs na única família humana. (Campus da Universidade de Nairobi (Quênia) quinta-feira, 26 de novembro de 2015)

A metáfora FÉ É SER VIVO foi atualizada pelas expressões linguísticas, que exibem as seguintes características: **criatividade** da fé, **olhos** da fé, fé é sempre **revolucionária**, manter **viva** a fé, fé que se **fez** vida, fé **honest**a e **sincera**, **perversão** da fé, **coragem** da fé, a fé **abre** a janela, a fé **cresce**, fé se torna **vida**, fé que **não sabe** radicar-se, fé na Palavra de Deus **chama-nos**.

Como podemos observar, a partir desses excertos, a *fé* está sendo conceptualizada como um ser vivo, pois são utilizadas características próprias dos seres vivos para categorizar o conceito *fé*. Nesse caso, o mapeamento ocorre a partir de um conceito abstrato, o domínio-alvo, compreendido como um ser vivo, o domínio-fonte, através de experiências e vivências que temos enquanto membros desse grupo categorial. Desse modo, foram utilizadas nossas experiências mais concretas para conceptualizar uma mais abstrata, via mapeamento metafórico.

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, a *fé* é uma virtude pela qual cremos em Deus e em tudo o que nos disse e revelou, e que a Igreja nos propõe a acreditar. Sendo assim, conforme a Bíblia, a *fé* sem obras é uma *fé* morta: “Pois assim como o corpo, sem o espírito, está morto, assim também a fé, sem as obras.” (BÍBLIA, Tiago, 2: 26)

Como podemos perceber, de acordo com esse fragmento da Bíblia Sagrada, a *fé* é uma virtude que requer do fiel obras, atitudes, práticas cristãs e, por isso, ele deve mantê-la viva e operante. Assim, no âmbito religioso católico, a *fé* cresce e se fortalece através de ações cristãs, como a prática da caridade, uma vez que conforme preceitua a

bíblia, a *fê* viva age pela caridade: “Pois em Cristo Jesus não vale a circuncisão nem a incircuncisão mas a *fê* que opera pela caridade.” (BÍBLIA, Gálatas, 5: 6)

Isso explica o fato de, nas homílias do Papa Francisco, a *fê*, enquanto algo metaforicamente construído sob o domínio experiencial dos seres vivos, tenha: “**criatividade**”, “**olhos**”, “**vida**”, “**perversão**”, “**coragem**”; seja: “**revolucionária**”, “**honesta**”, “**sincera**”, “**viva**”, “**abre**”, “**cresce**”; “**não sabe**”, “**chama-nos**”. Desse modo, nossas experiências com esses aspectos nos ajudam a entender e vivenciar melhor como tal conceito é conceptualizado. Conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), p. 75), podemos “identificar nossas experiências como entidades ou substâncias”, o que possibilita ao homíliasta referir, categorizar, agrupar, quantificar e, assim, raciocinar sobre o conceito em estudo.

Acreditamos que é a partir dessa visão que a metáfora em questão é construída através de expressões linguísticas nas homílias Papais, que transporta uma ideologia da qual não se tem consciência, mas que pode exercer o papel de influenciar e moldar o agir cristão dos fiéis da comunidade religiosa.

Como em nossa cultura é comum relacionarmos algumas características próprias dos seres vivos para nos referir a conceitos abstratos, podemos considerar, também, a metáfora supracitada convencional.

Cumpramos observar, ainda, que algumas características presentes nas expressões linguísticas sob análise como: “**criatividade**”, “**perversão**”, “**revolucionária**”, “**honesta**”, “**sincera**”, tratam de atributos pertencentes a uma categoria mais específica de ser vivo: as pessoas, podendo atualizar a metáfora FÉ É PESSOA, que corresponde à personificação propriamente dita, conforme advoga Espíndola (2007). No entanto, optamos por enquadrar todas as expressões linguísticas licenciadas na metáfora FÉ É SER VIVO, por se tratar de uma metáfora mais ampla.

A partir da metáfora em estudo, podemos traçar o seguinte mapeamento.

Metáfora: FÉ É SER VIVO

Domínio-fonte: SER VIVO

Domínio-alvo: FÉ

Mapeamentos:

FÉ → SER VIVO

Características correspondentes → criatividade, olhos, vida, perversão, coragem, ser revolucionária, honesta, sincera, faz-nos sair, ir, abre, cresce, não sabe, chama-nos.

Em nossa última análise, lançamos nosso olhar sobre a conceptualização do termo *caridade* que, na igreja católica, configura-se como um conceito basilar, por ser uma das virtudes cristãs que trata da relação do homem com Deus.

Conceito 04– *caridade*

CARIDADE É PESSOA
Depois, o Apóstolo diz que a caridade «não é invejosa, não é arrogante nem orgulhosa» . (Basílica Vaticana, sábado, 14 de fevereiro de 2015)
Além disso, a caridade «não falta ao respeito, não procura o seu próprio interesse» . (Basílica Vaticana, sábado, 14 de fevereiro de 2015)
Por fim, a caridade «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» . Basílica Vaticana Sábado, 14 de fevereiro de 2015
A caridade – acrescenta o Apóstolo – «não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a Verdade » . (Basílica Vaticana, sábado, 14 de fevereiro de 2015)
Consequentemente, a caridade não pode ser neutra, asséptica, indiferente, morna ou equidistante . (Basílica Vaticana, domingo, 15 de fevereiro de 2015)
A caridade , diz Paulo, «não se irrita, não leva em conta o mal recebido» . (Basílica Vaticana, sábado, 14 de fevereiro de 2015)
Conscientes de ter sido escolhidos entre os homens e constituídos a seu favor para atender as coisas de Deus, cumpri com alegria e caridade sincera a obra sacerdotal de Cristo, com a única intenção de agradar a Deus, e não a vós mesmos. (Basílica Vaticana, sábado, 14 de fevereiro de 2015)
Que nos convertamos em misericordiosos, e que as comunidades cristãs saibam ser

oásis e mananciais de misericórdia, testemunhas de uma **caridade que não admite exclusões!**

Na atualização da metáfora CARIDADE É PESSOA, o processo de metaforização do conceito *caridade* como pessoa ocorre através da utilização das seguintes características que normalmente são atribuídas aos humanos: **não invejosa, não arrogante, não orgulhosa, respeito, interesse, desculpa, crê, não se alegra com a injustiça, rejubila com a verdade, neutra, indiferente, contagia, apaixona, criativa, não leva em conta o mal recebido, sincera, não admite exclusões.**

Todas essas características, que são do domínio humano, são mapeadas metaforicamente para categorizar o conceito abstrato *caridade*, ou seja, no mapeamento metafórico partimos do domínio mais concreto *pessoa*, para o mais abstrato. A categorização ocorre a partir de alguns aspectos do domínio-fonte *pessoa*, parcialmente mapeados para a caracterização do domínio-alvo *caridade*.

Vale salientar que, ao selecionarmos parcialmente alguns atributos do domínio-fonte *pessoa* para o domínio-alvo *caridade*, estamos tratando de um modelo cognitivo idealizado, em que as correspondências licenciadas por esse mapeamento atualizam a metáfora conceptual CARIDADE É PESSOA, como mostram as expressões linguísticas apresentadas no quadro anterior.

Cumprе informar que nessas mesmas expressões linguísticas, observamos, também, a atualização da metonímia CARIDADE PELA PESSOA, evidenciando, assim, o caso em que uma metonímia e uma metáfora coocorrem em uma mesma expressão linguística, ou seja, o cruzamento de metáfora e metonímia. De acordo com Barcelona (2003, p. 12), “isso acontece, a propósito, quando uma metonímia ocorre simultaneamente em uma mesma expressão linguística com um certo mapeamento metafórico, do qual aquela é conceptualmente independente”²⁸. Assim, nas ocorrências sob análise a metonímia CARIDADE PELA PESSOA e a metáfora CARIDADE É PESSOA são conceptualmente independentes.

Lakoff e Johnson (1980) observam que as metáforas ontológicas evidenciadas pela personificação, em que objetos físicos são concebidos como pessoas, são as mais óbvias, assim como as ocorrências com conceitos abstratos, conforme exibe as

²⁸ (...) This happens, for instance, when a metonymy co-occurs in the same linguistic expression with a certain metaphorical mapping, from which it is conceptually independent. (BARCELONA, 2003, p. 12).

expressões linguísticas em análise. Para eles, o processo metafórico da personificação “permite compreender uma grande variedade de experiências concernentes a atividades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.” (LAKOFF e JOHNSON 2002 [1980], p. 87).

No entanto, segundo os autores, o processo de personificação não é geral e único, “cada personificação difere em termos dos aspectos humanos que são selecionados”. Nas expressões linguísticas sob análise, os aspectos selecionados para o domínio-alvo *caridade* foram: **invejosa, arrogante, orgulhosa, respeito, interesse, desculpa, crê, apaixonada, criativa, leva em conta, sincera, admite**. Na seleção desses atributos humanos, situados no domínio de elementos mais abstratos, o uso metafórico da personificação configura-se como um modelo cognitivo idealizado, uma vez que, segundo Feltes (2007, p. 89) “o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc.”

Cumprir informar que, no âmbito religioso, como consta no Catecismo da Igreja Católica, a *caridade* é uma virtude teologal²⁹ que constitui a base do agir moral cristão. A Bíblia faz menção a essa virtude da seguinte forma: “No presente permanecem essas três: fé, esperança e caridade; delas, porém, a mais excelente é a caridade.” (Bíblia Sagrada, Coríntios, 13:13)

Conforme demonstra esse excerto da Bíblia Sagrada, a *caridade* é superior às outras virtudes teologais. Isso implica dizer que ela fundamenta e inspira as virtudes humanas. Nessa perspectiva, entendemos que a metaforização personificada, no *corpus* em questão, sugere ações a serem tomadas pelos fiéis para a prática cristã da *caridade*. Ou seja, o domínio-fonte pessoa é amplamente explorado pelo Papa, possivelmente para veicular instruções para os fiéis através do mapeamento de alguns aspectos humanos, os quais expusemos anteriormente.

Assim sendo, acreditamos que o uso dessas expressões linguísticas nas homilias proferidas pelo Papa Francisco, para categorizar o conceito *caridade*, implica uma ideologia segundo a qual o fiel deve assumir valores religiosos, através dos aspectos humanos supracitados, estruturados sob a forma de metáfora. Portanto, inferimos que esses valores exercem discursivamente a função de preceitos para comunidade religiosa em questão.

Cumprir informar, ainda, que a utilização da personificação como fonte da conceptualização do conceito *caridade*, nos exemplos analisados, permitiu a

²⁹ De acordo com o site A Santa Sé, são três as virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade.

constatação da personificação propriamente dita em que são atribuídas características de pessoas a entidades ou objetos físicos, conforme advoga Espíndola (2007).

Podemos considerar, também, conforme os pressupostos de Goatly (2007), que essa metáfora é convencional, pois, em nossa cultura, comumente compreendemos entidades como pessoas, para nos referir a conceitos abstratos, como é o caso da metáfora em questão.

Na metáfora conceptual CARIDADE É PESSOA temos o seguinte mapeamento:

Metáfora: CARIDADE É PESSOA

Domínio-fonte: PESSOA

Domínio-alvo: CARIDADE

Mapeamentos:

CARIDADE → PESSOA

Características correspondentes → não invejosa, não arrogante, não orgulhosa, respeito, interesse, desculpa, crê, não se alegra com a injustiça, rejubila com a verdade, neutra, indiferente, contagia, apaixonada, criativa, não leva em conta o mal recebido, sincera.

Como podemos observar no mapeamento, o uso da personificação enfatizou determinados aspectos de nossas experiências enquanto membros desse grupo categorial mapeadas para o domínio-alvo *caridade*. Assim, esse conceito metafórico coloca a *caridade* na condição de pessoa a partir desses atributos, como sugerem as expressões linguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou a conceptualização metafórica de alguns termos proferidos de forma recorrente em homilias do Papa Francisco. Nosso objetivo geral consistiu em investigar, através de expressões linguísticas, a categorização dos conceitos *coração*, *mistério*, *fé* e *caridade*, em homilias Papais, na perspectiva dos modelos cognitivos metafóricos.

Como referencial teórico para esse percurso investigativo, utilizamos a Teoria da Metáfora Conceptual empreendida por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), os pressupostos dos Modelos Cognitivos Idealizados Lakoff (1987) e as contribuições de Feltes (2007), os estudos da interface entre metáfora e cultura, sob a visão de Kövecses (2005), a relação entre metáfora e ideologia, introduzida por Goatly (2007) e Charters-Black (2004).

Na análise dos dados, o primeiro conceito analisado, *coração*, exibiu uma recorrência expressiva com relação às expressões linguísticas que compuseram as homilias investigadas. Esse conceito foi categorizado metaforicamente pelo modelo cognitivo contêiner, com a demarcação de limites espaciais que apresentam os aspectos: *cheio/vazio*, *aberto/fechado*, onde pessoas ou sentimentos podem *entrar* ou *sair*, evidenciando, portanto, a atualização da metáfora ontológica CORAÇÃO É RECIPIENTE.

Nesse domínio experiencial recipiente, a demarcação espacial *dentro/fora* (do coração) estabelece o preceito de que o que é bom deve permanecer *dentro* do coração e o que é ruim *fora* dele. Portanto, entendemos, também, que essa forma de referenciar o *coração* nas homilias Papais repercute a metáfora orientacional correlata BOM É DENTRO (DO CORAÇÃO)/RUIM É FORA (DO CORAÇÃO), que expressa essa postura ideológica e, por conseguinte, se constitui como preceito para os fiéis.

Como pudemos verificar na análise, o conceito *mistério*, na perspectiva religiosa, denota um plano de Deus com fins salvíficos para os fiéis. Nas ocorrências desse conceito, verificamos a conceptualização metafórica MISTÉRIO É RECIPIENTE. Esse modelo conceitual nos dados sob análise, mostraram que, para sua estruturação, a categorização metafórica ocorreu através do modelo cognitivo contêiner. Ao utilizar essa experiência como domínio-fonte, o homiliasta estabeleceu limites espaciais para definir visualmente um recipiente com um lado de dentro e um lado de fora.

Observamos que na grande maioria dos excertos sob análise enfatiza-se *entrar no mistério*. Assim, acreditamos que o uso recorrente dessa expressão sugere um recipiente em que os fiéis devem *entrar e permanecer* no seu espaço interior para que possam continuar no “plano salvífico de Deus”. No entanto, para *entrar no mistério*, o Papa estabelece algumas condições sob a forma de preceitos a serem seguidos pelos fiéis. Presumindo, portanto, que nem todos os fiéis serão salvos, ou seja, sem o cumprimento de preceitos o fiel não obtém a salvação.

É importante considerar, ainda, que as questões ideológicas suscitadas pela metáfora MISTÉRIO É RECIPIENTE parece estar em oposição a outras ideologias cristãs, a exemplo de algumas correntes protestantes como: Batista, Presbiteriana, Congregacional. Diferentemente do contexto cristão católico, nessas doutrinas, o fiel obtém a salvação por meio da conversão e, por isso, o cumprimento dos preceitos religiosos resultam do recebimento da graça da salvação através fê, ou seja, as práticas religiosas é uma consequência de salvação.

Na análise do conceito *fê*, identificamos a conceptualização metafórica FÊ É SER VIVO, com o mapeamento de características físicas e psicológicas. Ante a observação de aspectos pertencentes ao domínio humano em algumas expressões linguísticas, uma metáfora mais específica poderia ser atualizada: FÊ É PESSOA, entretanto, como a maioria das características podem ser atribuídas a outros seres vivos, optamos por uma metáfora mais geral.

Entendemos que o uso desse modelo cognitivo fundamentado sob o domínio experiencial dos seres vivos é decorrente das obras, atitudes e práticas cristãs requeridas aos fiéis pelas Escrituras Sagradas. Levando a conceber, metaforicamente, algumas características dos seres vivos a *fê*, que servem como preceitos para a comunidade religiosa.

A conceptualização do conceito *caridade* também se mostrou expressiva em nossas análises. Foram mapeadas algumas características do domínio humano para categorizar o conceito abstrato *caridade*, revelando, portanto, a metáfora CARIDADE É PESSOA. Na doutrina cristã católica, a *caridade* destaca-se como a mais importante das virtudes teologais e se constitui a base do agir moral cristão. Como vimos nos excertos sob análise, o domínio-fonte pessoa é amplamente explorado pelo Papa, possivelmente para veicular instruções para os fiéis através do mapeamento de alguns atributos humanos. Sendo assim, utilização da personificação como fonte da conceptualização do

conceito *caridade*, nos exemplos analisados, permitiu a constatação da personificação propriamente dita em que são atribuídas características de pessoas a entidades ou objetos físicos, conforme advoga Espíndola (2007). Por outro lado, nessas mesmas expressões linguísticas, constamos, também, a atualização da metonímia CARIDADE PELA PESSOA, que evidencia a coocorrência de uma metáfora e uma metonímia em uma mesma expressão linguística. Na metonímia, conforme definido por Lakoff e Johnson (2002[1980], p.92), uma entidade é usada para representar outra. Neste caso, o conceito *caridade* está sendo utilizado para se referir às pessoas (fiéis) que utilizam essa prática cristã. Ao mesmo tempo, esse conceito é personificado em termos de uma pessoa, configurando uma metáfora.

Nas homilias que serviram de dados de análise, o Papa utilizou, via modelo cognitivo metafórico, domínios diferentes como fonte para tratar de questões religiosas. Nesse sentido, constatamos que os quatro conceitos analisados, ao serem categorizados metaforicamente, propagam, defendem e divulgam os valores culturais/ideológicos da religião cristã católica, os quais se constituem como preceitos que devem ser seguidos pelos fiéis.

Por exercer grande influência no agir cristão dos fiéis, expressando uma ideologia implícita, consideramos as metáforas que compuseram o *corpus* em questão convencionais, transmitidas como senso comum, ou seja, entendidas como sendo da aceitação de todos ou quase todos da comunidade cristã católica.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. D. de. M. **A Metáfora no discurso das Ciências**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, 2010, 174f.
- ASSUNÇÃO, A. L.; SPERANDIO, N. E. O modelo cognitivo metafórico no processo de categorização. IV CONGRESSO SOBRE METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO, Porto Alegre, 2011. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 501-532.
- BARCELONA, A. **Metaphor and Metonymy at the Crossroads**. New York: s.e., 2003.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Mateus Horpers. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.
- DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=homilia>>. Acesso em janeiro de 2017
- DOTRO, R. P.; HELDER, G. G. DICIONÁRIO DE LITURGIA. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- CAMERON, L. **Metaphor in Educational Discourse**. London: Continuum, 2003.
- COSTA, A. F.; PINTO, J. de S. A prática discursiva homilética: dialogia, gênero e intertextualidade. *Revista Colineares* 1, 2014, p. 51 a 69.
- ESPÍNDOLA, Lucienne. “A metáfora ontológica, publicidade e leitura”. In: ESPÍNDOLA, L.C.; SOUSA, M. E. V. (orgs.). *O texto: vários olhares, múltiplos sentidos*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.
- _____. Expressões linguísticas metafóricas x funções semântico-discursivas. In: ESPÍNDOLA, L. (org.). **Metáforas conceituais no discurso**. João Pessoa: Ideia, 2011. pp. 11-26.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FELTES, H. P. de M.; KELLER, G. A. Categorização de SERRA GAÚCHA no discurso turístico publicitário: enquadres e processos de metonimização. IV CONGRESSO SOBRE METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO. Porto Alegre, 2011. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011. pp. 360-389.
- FERREIRA, B. C. Dilma: mãe ou madrastra? Metáforas Conceituais que categorizam a presidente em charges. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, 2015, 223f.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GOATLY, A. **Washing the brain**: metaphor and hidden ideology. Philadelphia: John Benjamins, 2007.

IMACULADA, O. M. **Modelos Cognitivos Idealizados e Representações Sociais: a organização de uma experiência política na revista *Manchete* e no jornal *O Pasquim***. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, Dezembro, 2009, 108f.

KOVECSSES, Z. **Metaphor in Culture**: Universality and Variation. Cambridge: CUP, 2005.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things**: What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

_____; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. (Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDU, 2002 [1980].

LEME, Helena Gordon Silva. **Indeterminação e metáforas no discurso religioso: a construção do sentido no evangelho da prosperidade**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Católica de São Paulo, 2003.

MATOS, M. F. de. **O mistério pascal na homilia: um serviço à comunidade por meio da liturgia da palavra**. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011, 122f.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso**. 6. Ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SILVA, S. L. da. A homilia papal de 2014: congruência entre enunciação e ethos discursivo. *Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais* 1, 2015, p. 21-37.

SILVA, A. S. “A linguística Cognitiva: uma breve introdução, a um novo paradigma em Linguística”. *Revista Portuguesa de Humanidades* 1, 1997, p. 59-101.

TORRESSAN, J. L. *A manipulação no discurso religioso*. In. *Dialogia*, São Paulo, v. 6. p. 95-105, 2007.

TRACY, David. **Metáfora e Religião**: O caso dos textos Cristãos, In: SACKS, Sheldon (Org.). **Da metáfora**. São Paulo: Educ-Pontes, 1992.

Site consultado:

<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>

Acesso entre setembro e outubro 2016